

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

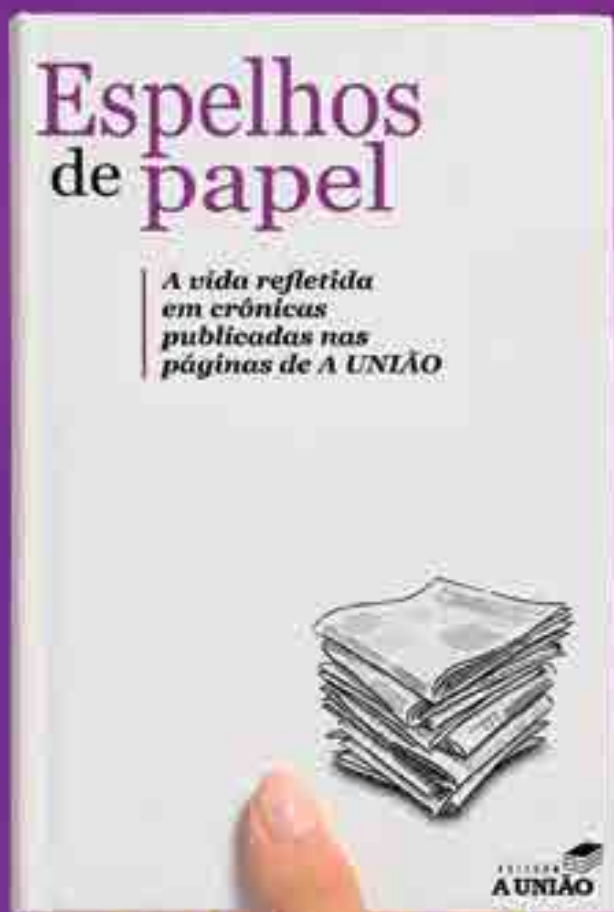
Maio - 2021
Ano LXXI - Nº 3
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Violeta Formiga, presente

No mês em que faria 70 anos, poeta paraibana tem sua obra analisada por estudiosos e sua vida, tragicamente interrompida por um tiro, lembrada por quem conviveu de perto com ela



R\$30,00

Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

AUNIÃO

EDITORA
A UNIÃO


EMPRESA PARAGIANA
DE COMUNICAÇÃO

A poesia não morre, vive!

Dois tiros, um deles, fatal, no coração, interrompeu a carreira de uma promissora poeta paraibana: Violeta Formiga. Se viva, a escritora, nascida em Pombal e radicada em João Pessoa a partir do fim da adolescência, estaria celebrando 70 anos de vida neste mês de maio de 2021. Quem seria Violeta Formiga se naquela noite de 21 de agosto de 1982, o disparo de uma arma, imputado ao advogado Antonio Olímpio Rosado Maia, seu ex-marido, não tivesse colocado um fim prematuro em uma carreira literária que, para muitos críticos e estudiosos, iria longe?

O assassinato de Violeta Formiga é um dos crimes mais bárbaros da história da Paraíba. A comoção gerada por um dos mais brutais feminicídios ocorridos no estado - mesmo quando essa palavra, feminicídio, ainda nem era usada - alçou aquela aspirante a psicóloga (embora formada, ela nunca chegou a

O assassinato de Violeta Formiga é um dos crimes mais bárbaros da história da Paraíba. A comoção alçou aquela dona de uma poesia simples, lírica e confessional a mito das letras e das rimas.

exercer a profissão, segundo relatos) e dona de uma poesia simples, lírica e confessional, como descrevem especialistas, a mito das letras e das ri-

mas na terra de Augusto dos Anjos.

Nesta edição, portanto, o Correio das Artes volta à Violeta Formiga, ela que publicou alguns de seus poemas aqui mesmo, nesta histórica publicação, desta vez trazendo uma ampla cobertura sobre os méritos de sua poesia, assim como os detalhes do crime que abalou a Paraíba naquele início dos anos 1980.

Críticos e estudiosos, ouvidos 40 anos depois da morte dela, reavaliam a obra deixada pela poeta, assim como uma entrevista exclusiva com o ex-namorada de Violeta, o jornalista Evandro da Nóbrega, revela traços íntimos da mulher que "tinha um quê de boneca ágil, pequenina, sorridente, pulsante de energia e de uma tez de linda cor", conforme descreve nosso entrevistado.

Boa leitura!

André Cananéa
Editor

índice



24

ENTREVISTA

Poesia, tradução e o papel social da literatura são temas de um papo entre o paraibano Sérgio de Castro Pinto e o gaúcho José Eduardo Degrazia.



31

CLARISSER

Em sua coluna, Analice Pereira dá um tempo nos livros para nos brindar com uma bela análise do filme 'Meu Pai', vencedor de dois prêmios Oscar.



34

LIVRO

Ana Adelaide Peixoto volta às páginas do Correio das Artes para analisar a obra 'Torto Arado', do baiano Itamar Vieira Junior.



36

CINEMA

Professor e um dos fundadores da Academia Paraibana de cinema, Alex Santos discorre sobre comunicação e linguagem na sétima arte.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

Violeta Formiga

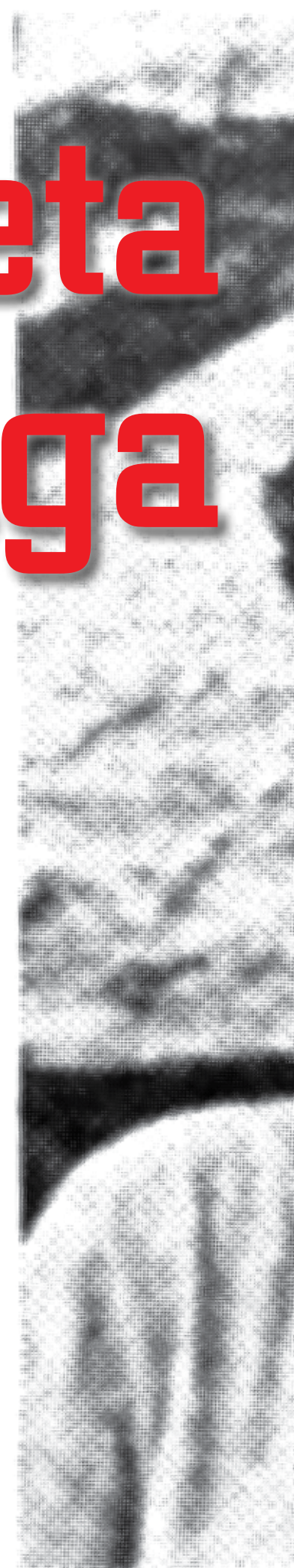
– 70 anos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Paraibana, inquieta, formada em Psicologia, amante da literatura. Essas são algumas características de Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga, uma poetisa em ascensão, mas que teve sua trajetória interrompida bruscamente. Nascida em 28 de maio de 1951, na cidade de Pombal, Sertão do Estado, ela faria 70 anos de idade este mês de maio se não tivesse sido morta aos 31 anos de idade. Amigos contemporâneos de Violeta, bem como de gerações mais recentes, ainda lamentam a rápida passagem dessa mulher, que mesmo no início da carreira literária, conseguiu deixar sua marca na cultura da Paraíba com seu jeito genuíno de registrar seus versos.

A vida da poetisa atrai até hoje o interesse de pesquisadores. Uma dessas pessoas é a professora, escritora e integrante da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap), Neide Medeiros. “Não cheguei a conhecer pessoalmente Violeta Formiga, mas as opiniões dos amigos, dos poetas que conviveram com ela, do ex-noivo Washington Rocha, atestam que ela era pequena, franzina, mas com uma personalidade forte, sabia o que queria. A liberdade era seu lema, liberdade na poesia, na vida”, afirmou a professora Neide.

Quando foi convidada para compor a Aflap, a professora conta que havia sugestões de nomes de mulheres que se destacaram nas letras e nas artes da Paraíba para constar na galeria das patronas. Na relação, porém, não constava o nome de Violeta Formiga. ▶





*Minha vida
por uma única
palavra:
Liberdade.*

*(Então eu
serei feliz
como os anjos
que ainda não
nasceram).*

VIOLETA FORMIGA

▶ Então, Neide Medeiros perguntou à presidente, na época Balila Palmeira, se poderia escolher um nome que não estava na lista. “Ela (Balila) concordou, e indiquei o nome de Violeta Formiga. Passei a fazer parte do quadro de acadêmicas e a minha cadeira é de Nº 40”, ressaltou Neide Medeiros.

O interesse pela obra da poetisa de Pombal surgiu quando Neide era professora de Teoria Literária na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e passou a ler os poemas de Violeta Formiga que eram publicados no *Correio das Artes*. Nesta época, ela costumava comprar vários exemplares deste suplemento de A União, para trabalhar os textos em sala de aula.

“Comprava dez exemplares ao jornaleiro Gilberto, que vendia jornais nos corredores do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, e distribuía com os alunos. Eles escolhiam os textos que mais gostavam, fazíamos um trabalho de releitura, e já me chamava a atenção a poesia de Violeta Formiga. Depois, tomou-se conhecimento do seu desaparecimento trágico: fora assassinada pelo ex-marido”, lamentou.

Neide Medeiros declarou que, um ano após a morte da poetisa, em 1983, o *Correio das Artes* preparou uma edição especial

DOIS LIVROS SOBRE VF

A professora e pesquisadora Neide Medeiros escreveu dois livros sobre Violeta Formiga: *Violeta Formiga: 25 Anos de Encantamento* (2007), e em 2012, por ocasião dos 30 anos de sua morte, o livro *Violeta Formiga Vive! 30 anos de Encantamento*.

De acordo com a escritora, o lançamento do segundo livro ocorreu na livraria do Sebo Cultural, em João Pessoa, e foi



patrocinado por Heriberto Coelho. “Ele sempre procurou fazer um trabalho de divulgação dos escritores e artistas paraibanos, patrocinando edições de livros, oferecendo sua livraria para lançamentos de livros e exposições artísticas”, contou.

em homenagem à paraibana, que também foi lembrada em uma exposição com seus poemas e um recital na Biblioteca Central da UFPB. A professora declarou que, na ocasião, a irmã de Violeta, Djiam Formiga Brand, que morava nos Estados Unidos, compareceu ao evento e recebeu o prêmio de poesia conferido à Violeta.

A professora e escritora não deixou de frisar o reconhecimento que o *Correio das Artes* faz, mais uma vez, à vida e obra da poetisa. “Rejubilo-me com o

Correio das Artes pela iniciativa de prestar essa homenagem na passagem do 70º aniversário de seu nascimento”, destacou Neide, acrescentando que a homenagem feita por este suplemento de A União, anteriormente, incluiu, além dos textos, uma ilustração de capa feita pelo artista plástico Domingos Sávio. “A perenidade de Violeta está eternizada não só na poesia, mas na criação do ilustrador Domingos Sávio, que tem servido de inspiração para outros artistas plásticos”, concluiu.

FOTO: ORTILO ANTÔNIO/A UNIÃO



Hildeberto Barbosa Filho: a poesia de Violeta era simples, lírica e confessional

UM LEGADO NÃO CONCRETIZADO

Apenas dois livros registraram os poemas de Violeta Formiga. O primeiro foi *Contra Cena*, lançado em 1981 na Galeria Gamela, em João Pessoa. O outro, *Sensações*, foi uma homenagem póstuma feita por amigos, publicado em 1983. Em cada verso, a poetisa deixa transparecer suas aspirações, estilo literário e a promessa de um legado não concretizado.

O crítico literário Hildeberto Barbosa Filho afirmou que Violeta Formiga era frágil fisicamente, pequena e delicada, mas tinha uma personalidade forte. Quando questionado sobre quais

eram as características peculiares dos poemas da escritora, ele declara que a poesia de Violeta era “simples, lírica e confessional”. “Havia, também, um tom reflexivo, influenciado, talvez, por seu interesse por filosofia e ciências sociais”.

Segundo ele, a obra da poetisa ainda estava em progresso e faltou tempo para que ela concretizasse seu legado, pois sua dicção precisaria de um tempo de maturação para se realizar melhor. “Sensibilidade ela tinha, mas lhe faltavam ainda os instrumentos expressivos de mais eficácia esté-

► tica”, completou.

A despedida brusca e precoce da paraibana privou a cultura e a sociedade de conhecer todo o potencial da poetisa que, para Hildeberto, estava em plena fase de realização, deixando a perspectiva de um legado que, infelizmente, não se efetivou. “Falo, aqui, especificamente de sua dicção lírica, considerando à parte sua presença viva e dinâmica na cena cultural da cidade”, completou.

Ao analisar os versos contidos nos livros *Contra Cena* e *Sensações*, a pesquisadora, professora e escritora Neide Medeiros declarou que a poesia de Violeta é moderna, com versos livres e poemas curtos, com recorrência de imagens aladas, como a de pássaros, e também das palavras liberdade e silêncio. Segundo ela, existe uma preocupação com o fazer poético. “Na leitura que fizemos dos poemas que constam nos livros *Contra Cena* e *Sensações*, sentimos como tônicas constantes o desejo de liberdade, a preocupação com o deslizar do tempo e a busca pela palavra precisa”.

A pesquisadora confessa que dentre os poemas de Violeta Formiga, o que mais lhe cativou foi “Inteira”. Ele justificou a escolha. “Talvez seja o que melhor defina quem é realmente Violeta Formiga. É uma síntese do pensar e da maneira de ser dela”, declarou, citando os versos do poema:

*Minha vida
por uma única
palavra:
Liberdade.*

*(Então eu
serei feliz
como os anjos
que ainda não
nasceram).*

Neide Medeiros também compartilha da opinião de que muitos outros poemas seriam escritos pela paraibana, mas a morte repentina calou sua voz e interrompeu seu ofício de escrever. Mesmo assim, a professora acredita que ficou o exemplo de uma mulher resiliente, que lutava pela liberdade. “Por não se submeter aos caprichos de um ex-marido

obsessivo e agressivo, foi assassinada brutalmente. Ainda não se falava em feminicídio e ela foi vítima desse tipo de crime”.

OBRAS NÃO REEDITADAS

As obras de Violeta Formiga não foram reeditadas, apesar desta iniciativa ser almejada por intelectuais paraibanos. “São importantes as reedições, sobretudo para as novas gerações conhecerem o trabalho de seus antecessores. Mesmo com uma poesia ainda em fase de descoberta e aprimoramento, Violeta Formiga abre um espaço na esfera das vozes femininas aqui na Paraíba”, declarou Hildeberto Barbosa.

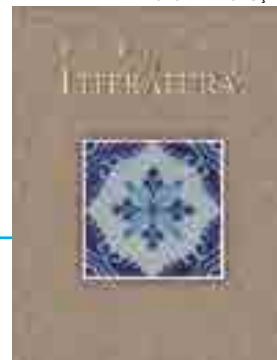
Ao citar palavras do discurso do escritor Guimarães Rosas na posse do romancista na Academia Brasileira de Letras, a professora Neide Medeiros afirmou que as pessoas não morrem, ficam encantadas. “Violeta Formiga não morreu, sua poesia ficou, ela voou como um pássaro e hoje está encantada à espera de um milagre. Esse milagre poderá acontecer com a republicação de seus livros, os dois podem ser reunidos em um único volume”, sugeriu.

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



Neide Medeiros, sobre a poesia de Violeta: desejo de liberdade, a preocupação com o deslizar do tempo e a busca pela palavra precisa’.

FOTO: REPRODUÇÃO



A poetisa Violeta Formiga foi homenageada pelo Governo do Estado no ano passado, quando o governador João Azevêdo lançou o livro *Paraíba na Literatura*, que reúne o perfil de 20 escritores paraibanos reconhecidos nacionalmente. A obra foi publicada pela Editora A União.

No livro *Paraíba na Literatura*, o nome de Violeta, cujo perfil é assinado pelo jornalista Walter Galvão, vem acompanhado dos seguintes intelectuais: Aldo Lopes, Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos, Bráulio Tavares, Coriolano de Medeiros, Edilberto Coutinho, Ivan Bichara Sobreira, Jomar Morais Souto, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Leandro Gomes de Barros, Lourdes Ramalho, Luiz Gonzaga Rodrigues, Paulo Pontes, Políbio Alves, Ronaldo Cunha Lima, Sérgio Castro, Maria Valéria Rezende e Marília Arnaud.

Filha de José de Sousa Formiga e Prima Gonçalves Formiga, Violeta também foi colaboradora do suplemento *Correio das Artes*, de A União.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Apesar do olhar sensível em relação à vida e ter escolhido viver no universo literário, a história de Violeta Formiga está ligada ao feminicídio. No ano de sua morte, é farto o material jornalístico que a imprensa paraibana divulgou sobre o caso. Consta nos jornais que, na madrugada do dia 21 de agosto, um tiro efetuado em frente ao Edifício Solar dos Navegantes, em Tambaú, João Pessoa, tirou a vida da psicóloga e poetisa, aos 31 anos de idade. A arma de fogo, segundo depoimento da polícia na época, foi acionada pelo ex-marido da vítima, o advogado Antonio Olímpio Maia Rosado que, após o ato, foi beber e ouvir música clássica no apartamento onde morava, no 5º andar do mesmo prédio onde ocorreu a tragédia.

Era 1982. Naquela época, ainda não existia lei e punição específica para feminicídio, mas isso não impediu que a violenta morte desta mulher paraibana chocasse a sociedade, a comunidade literária e mobilizasse outras inúmeras mulheres. Conforme as matérias publicadas, militantes de defesas dos direitos das mulheres foram as ruas com faixas e cartazes pedir justiça pelo assassinato da poetisa. “Sua morte foi de uma violência desmedida”, afirmou o crítico literário Hildeberto Barbosa.

Poucas horas após o crime, no início da manhã que sucedeu a madrugada do assassinato, a imprensa noticiou que a polícia havia prendido o advogado Antonio Rosado, que ainda se encontrava no apartamento, com as mãos manchadas de sangue. Ele foi preso em flagrante e levado ao quartel do 1º Batalhão da Polícia Militar, na capital.

Os textos mostram que, apesar da evidência da autoria do homicídio, Rosado Maia negou a autoria do crime. Mas a irmã de Violeta, Djiam Formiga, em depoimento a repórteres, afirmava veementemente que Violeta havia sido morta pelo ex-marido. Os jornais mostraram, ainda, a personalidade violenta do acusado que, no início daquele mesmo ano, havia praticado um atentado a tiros contra o ex-secretário de Minas e Energia do Estado, Marcelo Lopes.

FOTOS: REPRODUÇÃO



Morte de Violeta Formiga chocou a Paraíba e ganhou destaque na imprensa

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



FOTO: ANTÔNIO DAVID



Violeta foi morta a tiros pelo ex-marido, o advogado Rosado Maia

▶ VIDA CONJUGAL

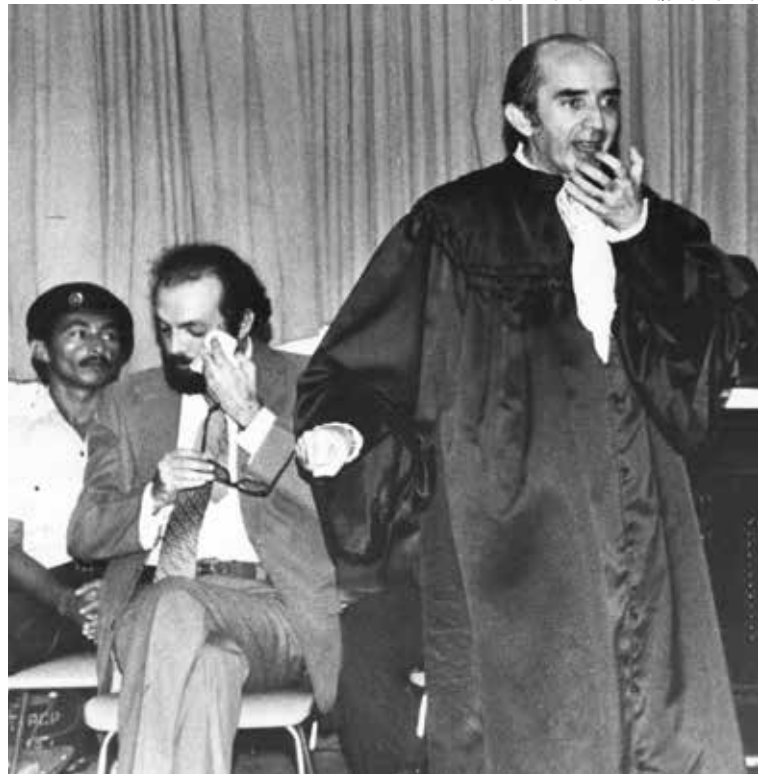
O histórico violento de Rosado Maia e a vida conjugal com Violeta Formiga poderiam, por si só, testemunhar contra o acusado. As matérias divulgadas na década de 1980 e também de 1990, anos em que se estendeu o desenrolar desse caso, detalharam a vida do casal. Quando Violeta tinha a idade de 15 anos, conheceu Antonio Rosado Maia no município de Pombal, iniciando-se o namoro. Segundo a irmã da vítima em depoimento à imprensa, em 1981, sob pressão de Rosado Maia, Violeta se casou com ele.

Mas logo nos primeiros meses de matrimônio, a jovem psicóloga descobriu que seu marido era epilético. Diante deste fato, negado pelo esposo, e por não suportar conviver com o comportamento do marido, ela propôs a separação.

A decisão de Violeta, conforme registro na imprensa, foi totalmente rejeitada pelo advogado Antonio Rosado Maia. Na época, Djiam Formiga havia revelado que Antonio Rosado e membros da família dele, principalmente o pai, que era coronel, ameaçaram Violeta, com o fim de evitar que ela revelasse o segredo da doença do marido. Em face da situação, o casal entrou em acordo para se separar legalmente, sob a alegação de infidelidade por parte dele, que aceitou a justificativa. O casal se separou, mas segundo registros da imprensa, Antonio Rosado continuou pressionando Violeta para que ela saísse com ele, caso contrário, mataria um irmão de Violeta.

Diante das pressões, ela teria mantido encontros com o ex-marido. O último foi na noite do crime. Quando Violeta chegava em casa, por volta das 22h, no Conjunto Anatólia, encontrou com o ex-marido que a convidou para sair. Os textos jornalísticos publicados na época, contaram que ela chegou a dizer à empregada que voltaria logo, e jantaria em casa. Os dois foram para o Edifício Solar dos Navegantes, onde testemunhas relataram que ouviram uma grande discussão. Com contusões no rosto e outros ferimentos, Violeta tentou fugir, mas o ex-marido teria disparado dois tiros contra ela.

FOTO: ANTÔNIO DAVID/ARQUIVO A UNIÃO



Rosado Maia (sentado) e seu advogado, Vital do Rego, durante o julgamento, em 1984

JULGAMENTO DO ACUSADO

A punição do advogado Antonio Olímpio Rosado Maia foi um capítulo à parte na morte de Violeta Formiga, segundo acompanhamento da imprensa. Mesmo sendo preso em flagrante, ele contou à polícia uma versão totalmente diferente sobre o caso. Em seu depoimento, prestado ao delegado de homicídios da época, Nilton Nunes, Rosado teria alegado que os dois disparos de sua arma de fogo ocorreu por causalidade, uma vez que pegou a pistola no intuito de tomar satisfação com um motorista que teria colidido com o seu veículo nas proximidades da Cidade Universitária, quando estava acompanhado de Violeta.

O acusado, conforme os jornais, disse ainda que a arma estava engatilhada e, ao pegá-la, ocorreu o disparo que atingiu Violeta. Sobre os ferimentos no rosto da vítima, Rosado explicou que teria sido consequência da colisão provocada pelo outro suposto motorista. Mas a versão de Rosado não logrou êxito e o delegado responsável pelo caso, Nilton Nunes, revelou, na ocasião, que o acusado não lembrava da placa do carro, nem do rosto do motorista e que, portanto, o crime estava configurado.

Somente em abril de 1984, Antonio Rosado Maia foi a julgamento sob grande expectativa da imprensa e de toda a sociedade. Ao ler a sentença, o juiz Wilson Cunha, da 1ª Vara das Execuções Criminais, afirmou que o acusado era de alta periculosidade e determinou que sua pena seria de 20 anos de reclusão. A decisão só foi anunciada quase 12h após a abertura dos trabalhos e durante parte deste tempo, grupos de mulheres do movimento Maria Mulher protestaram em frente à Auditoria Militar pedindo ▶



Rosado Maia foi condenado a 20 anos de prisão mas, através de recurso, a sentença acabou sendo anulada pelo TJ, que determinou que o acusado voltasse ao banco dos réus; foi quando o advogado fugiu da Paraíba

▶ por justiça. Fotos e textos foram publicados com destaque nos jornais da época. A defesa do réu, representada pelo advogado Antonio Vital do Rego, disse que iria recorrer da decisão.

Em junho de 1984, Rosado Maia voltou a ser julgado. A defesa, ainda alegando que o réu não era o autor do assassinato, apresentou a tese de amnésia por parte do acusado. Desta vez, por seis votos a um, e após oito horas e meia de sessão, o Tribunal do Júri de João Pessoa absolveu Rosado Maia, que teve o alvará de soltura expedido.

Apesar da absolvição, as matérias mostraram que um representante do Ministério Público recorreu da decisão, tendo a Câmara Criminal do Tribunal de Justiça anulado a sentença e determinado que ele fosse levado

novamente ao banco dos réus. Os jornais mostraram que, por conta disso, Rosado Maia fugiu da Paraíba.

Somente em 1994, cerca de dez anos após viver foragido, ele foi encontrado e preso na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde já havia montado um escritório. O advogado foi levado para o quartel do 1º Batalhão da Polícia Militar, no centro da capital paraibana, onde aguardou novo julgamento.

O terceiro julgamento do réu aconteceu em fevereiro de 1995, quando Rosado Maia foi condenado a nove anos e três meses de reclusão, mas a pena caberia recurso.

Após várias movimentações da defesa de Rosado Maia para tentar tirar o réu da prisão, em janeiro de 1996, o juiz Hitler Cantalice deu a liberdade definitiva ao advogado. A justificativa, divulgada pela imprensa, foi o decreto presidencial número 1.645, de 26 de setembro de 1995, chamado de indulto, que permitia ao Presidente da República conceder perdão aos condenados em condições de merecê-lo, proporcionando novas oportunidades aos que se mostravam recuperados para o convívio social. ❖

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Violeta Formiga

Do livro Contra Cena

Vandalismo

Destruíu
num acesso
de cólera
todas
as formas
mortas
erroneamente
postas.

Amor

Na instância
do desejo
executo um ato
secreto
de paixão e medo.

I

A cena do poema
não é a mesma cena
de quem encena a cena.

Tormento

Perdida é a noite
que os homens
se calam.
Pois deste silêncio absoluto
absurdo
se derivam todas as trevas.

Dádiva

Ser pássaro
e voar infinito .
(Que seja este
o meu último
castigo)

*Obs: Este livro foi lançado
na Galeria Gamela. Ed.
Macunáima, 1982.*

Poemas do livro Sensações (edição póstuma)

Sensações

É simples.
Não me aproximo.
Tenho medo.
Você não compreende
o desejo latente
contido em cada
gesto.
De solidão,
sensações.
(Se você soubesse).

Partida

Em volta
tudo é silêncio
deste silêncio teu.

Calou a voz
emudeceu o tempo.
Foi adeus.

Inteira

Minha vida
por uma única
palavra:
Liberdade.

(Então eu
serei feliz
como os anjos
que ainda não
nasceram.

Oferta

Este poema
vale
uma entrada
para o mágico
circo
da vida.

Primeira lição

Viver
é amar a vida
sem definições.

Segunda lição

Viver
é desabrigar os demônios
e conviver com os deuses.

“Um coração de ouro, só poético”

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Jornalista, escritor, editor, historiador, sinólogo, blogueiro. Essas são algumas aptidões do paraibano Evandro da Nóbrega. Mas aqui, não vamos enfocar sua rica experiência profissional, mas sim, a relação dele com a poetisa paraibana Violeta Formiga, morta em 1982. Nesta entrevista exclusiva ao Correio das Artes, feita por e-mail, Evandro, que namorou e conheceu mais de perto a trajetória de Violeta, divulga informações inéditas sobre a vida desta paraibana, cuja morte chocou toda a Paraíba. Confira:



O jornalista Evandro da Nóbrega chegou a namorar Violeta Formiga, depois que a conheceu, em João Pessoa, por volta de 1971

– **Como, onde e em que ano o senhor conheceu Violeta Formiga? Que tipo de relação manteve com ela?**

– Antes de mais nada, algo que muito me marcou: nunca tive motivo algum para reclamar de Violeta. Aos 20 anos de idade, quando a conheci, ela ain-

da conservava aquele jeitinho de menina que nunca a abandonou, nem mesmo nos últimos tempos, quando atormentada pelo ex-marido, sabidamente seu torturador quase em plantão permanente. Sempre foi uma pessoinha (ela era *mignon*) muito sensível, bonita a seu modo,

doce, extremamente carinhosa, simpática com todos (embora, de início, arisca com estranhos), de uma alegria natural e irradiante. Lembro-me até de ter dito dela, quando instado a descrevê-la fisicamente, para uma reportagem: destacavam-se, em seu ser, a trigueirice ou morenez quase ▶

► acobreada, o brilho do olhar, um olhar feito de olhos bem negros, vivos, inteligentes, penetrantes, prazenteiros, joviais, em eterno movimento; tinha um quê de boneca ágil, pequenina, sorridente, pulsante de energia e de uma tez de linda cor. E os versos lhe vinham com incrível facilidade. Nosso namoro, que *malgré nous* durou apenas uns dois anos, começou assim: Violeta morava no primeiro andar do edifício Tabajara, na avenida homônima, com várias colegas e amigas estudantes, ao passo que meu pai residia no terceiro andar. Visitando minha família, topei-me com ela e me senti atraído por sua vivacidade natural. Conversamos bastante sobre Literatura, ela me mostrou alguns versos e, ali mesmo, nos enamoramos.

– O que o senhor pode falar sobre a vida de Violeta Formiga? Origem da família, nome e profissão dos pais; quantos irmãos, modo de vida etc?

– Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga, que adotou o *pen name* de Violeta Formiga, era de origem humilde e honrada, de duas destacadas e respeitadas famílias da cidade de Pombal, no Sertão paraibano: os Formiga e os Gonçalves. Embora eu viajassem sempre a Pombal, não tive tempo de conhecer pessoalmente seu pai, o misto de agricultor e pequeno comerciante José Formiga, e sua mãe, a senhora Prima Gonçalves Formiga, de prendas domésticas. Dona Prima vinha a ser parente da catoleense dona Diomira Gonçalves Fernandes, esposa de um estimadíssimo amigo meu (apesar da grande diferença de idade), o desembargador Sinval Fernandes. Violeta era, portanto, uma espécie de “prima” das filhas desse casal, Sinval-Diomira, a exemplo da poetisa Dândy e da escritora Valmira Gonçalves Fernandes. Todas se davam muito bem e eu costumava levar Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga à residência dos Gonçalves Fernandes, no bairro da Torre, em João Pessoa. Ah, o casal Sinval-Diomira tinha também uma filha chamada Viole-



Violeta, ainda adolescente: “Tinha um quê de boneca ágil, pequenina, sorridente, pulsante de energia e de uma tez de linda cor”, descreve Evandro da Nóbrega

ta. Violeta, a poetisa que tive a sorte, diria mesmo a honra de conhecer de perto, namorando-a, passara a infância e a adolescência em Pombal mesmo, tendo feito seus estudos primários no Colégio Diocesano e o segundo Grau na Escola Normal Arruda Câmara. Tornei-me amigo de uma irmã de Violeta, Djiam Formiga Brand, uma moça de atitudes *mui* decididas, que trabalhava desde 1967 na Amazônia, mais exatamente no Projeto Jari (o Jari Florestal e Agropecuária), do bilionário americano Daniel Keith Ludwig. Djiam — cujo segundo sobrenome, Brand, advém do esposo americano — veio às pressas do Norte do país, ao saber da morte da irmã, e o jornal *O Norte* a entrevistou, dois dias depois da tragédia, oportunidade em que também

“

Aos 20 anos de idade, quando a conheci, ela ainda conservava aquele jeitinho de menina que nunca a abandonou, nem mesmo nos últimos tempos, quando atormentada pelo ex-marido, sabidamente seu torturador quase em plantão permanente”. ►

► pôde relatar as brutalidades que a irmã Violeta sofria nas mãos do marido e, depois, ex-marido Toinho Maia. Havia, ainda, um irmão mais novo de Violeta e de Djiam, que cheguei a conhecer, mas cujo nome não mais recordo. Depois da morte dela, eu e ele nos perdemos de vista até hoje. Depois de muito tempo, tornei-me igualmente “conterrâneo” de Violeta Formiga, porque recebi o título de cidadão pombalense, por trabalhos históricos prestados à cidade. Foi um título tardio, póstumo, pois ela já não estava entre nós, o que me deixou certo travo desagradável, quando da recepção da honraria. Mesmo porque, na oportunidade, me recordei que um dos livros de Violeta, *Sensações*, saíra na capital paraibana, em 1983, cerca de um ano depois de sua brutal morte. Em vida, publicara apenas um livro de poemas, *Contra Cena*.

– **Quais as características dela como ser humano?**

– Tendo Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga nascido em Pombal (PB) a 28 de maio de 1951, ela tinha 20 anos, quando a conheci, não em Pombal, mas em João Pessoa, em 1971, pouco depois de ela chegar de Pombal para fazer o Vestibular de Psicologia, acho que para a antiga Universidade Autônoma de João Pessoa (hoje Unipê), porque o curso de Psicologia ainda não existia na UFPB. Era, eu, uns cinco anos mais velho que ela e, embora também interiorano (nascido em São Mamede e criado em Patos), já estava na capital paraibana desde 1963. Um de meus irmãos, o hoje escritor, advogado, poeta e ex-magistrado eleitoral Everaldo Dantas da Nóbrega, conheceu Violeta ainda em Pombal, no ano de 1965, quando ela contava 15 anos. O mano trabalhava à época no Banco do Brasil dessa cidade sertaneja, mas era apenas muitíssimo amigo dela, nunca chegou a namorá-la. A circunstância de eles se terem conhecido bem antes facilitou nosso entrosamento, quer dizer, o início da familiaridade entre mim e ela,



Violeta com a irmã, Djiam, que passou a trabalhar na Amazônia a partir de 1967 e acabou por casar-se com um americano, ao lado, capa feita pelo artista Domingos Sávio para uma edição, hoje antiga, do 'Correio das Artes'



da amicícia de Violeta comigo. A foto que ela lhe deu, com dedicatória, era uma cópia idêntica da que, mais tarde, me forneceria, em João Pessoa. E é a mesmíssima foto que vai publicada nesta entrevista. Como eu, Everaldo escreveu vários artigos em memória de Violeta. Ah, um traço absolutamente encantador em Violeta: seu jeito de levantar o queixo e empinar o nariz, desafiadora, orgulhosa, mas apenas fingindo estar amuada, quando às vezes apenas tentava esconder pequena ciurmadada eventual, para que não virasse arrulho. Não conseguia, porém, manter por muito tempo essa inocente espécie de fingimento, caindo sempre numa gargalhada, algo cômico. Era mocinha de alma absolutamente pura. Um coração de ouro, só poético.

– **O que pode falar sobre a trajetória dela como poetisa? Ela tinha planos na carreira literária?**

– Ela não alimentava pro-

priamente algo que se pudesse chamar de “planos” para uma carreira literária. Já exercia seus dotes poéticos quase sem se dar muita conta disso — ou sem emprestar muita atenção ao que se passava, neste particular, porque a Poesia era algo bem natural nela. Era um estado d’alma, por assim dizer. Em praticamente tudo que via, enxergava um lado poético, o que se devia à sua alta sensibilidade, já nem digo uma sensibilidade feminina, mas de um ser humano privilegiado em termos de observar, interpretar, sentir a realidade (e, pode dizer-se, mesmo a irrealidade!). Como ela era dada a longos silêncios, eu costumava ficar observando-a, a um tempo divertido e atento, a ver se captava seu processo de criação. Desses silêncios, Violeta costumava emergir com um novo poema que, no entanto, se pejava de transcrever para o papel sob nossas vistas, preferindo fazê-lo no recesso de sua intimidade, para só então nos dar a co-

▶ nhecer a nova peça saída de sua usina criadora interna. E quase sempre dali saíam coisas bem surpreendentes.

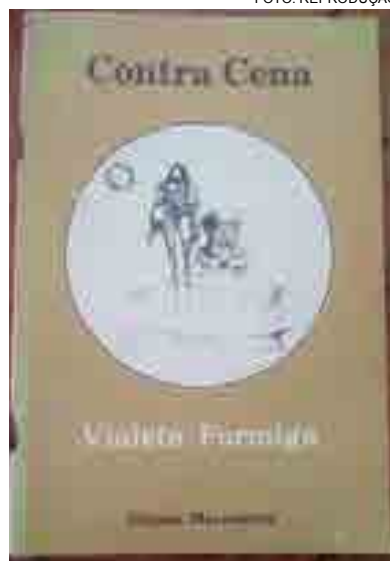
– **Violeta Formiga também era psicóloga. O senhor sabe se ela chegou a exercer plenamente a profissão?**

– Não chegou a trabalhar regularmente como psicóloga, nem montou consultório permanente, mesmo porque não havia mercado para isso e ela se dedicou mais às atividades literárias e ao casamento, que já lhe trazia suficientes preocupações. Mas, em certo momento, Violeta chegou a recobrar seus estudos, pretendendo fazer concurso para professora de Psicologia na UFPB ou na antiga Universidade Autônoma de João Pessoa, mantida pelo antigo IPÊ (Institutos Paraibanos de Educação, depois Unipê). Este projeto não chegou a se realizar, especialmente porque as Universidades começaram a exigir, pelo menos, o Mestrado (quando não Doutorado) em concursos para a docência do Ensino Superior.

– **Como o senhor avalia a poesia de Violeta Formiga? Que características marcantes seus versos apresentam que conferem a assinatura da autora?**

– Não sou crítico literário, de modo que falarei apenas como leitor. Sempre considerei muito criativa a poética de Violeta Formiga. Ela primava pelos poemas curtos, pelos versos rápidos, às vezes até desconcertantes, da mesma forma que parecia abominar as criações longas, e poemas sesquipedais, nem pensar! Ela tinha uma sensibilidade toda própria, toda dela, o que se manifestava, por vezes, nos longos silêncios a que se entregava, quando na companhia de amigos & amigas, parecendo sonhar com algo que a gente não chegava nem a adivinhar. Tinha uma vida interior mui intensa, o que claramente se reflete em sua poesia. Pessoa muito bondosa, não era de ficar pensando ou falando abobrinhas, coisas miúdas, enfim, de se dar a pensamentos sobre coisas menores.

FOTO: REPRODUÇÃO



“

Me recordei que um dos livros de Violeta, 'Sensações', saíra na capital paraibana, em 1983, cerca de um ano depois de sua brutal morte. Em vida, publicara apenas um livro de poemas, 'Contra Cena'.

Suas reflexões sempre eram profundas e ela parecia, de fato, ser o que era: um ser de mente superior. Dessa forma é que despertava a simpatia geral. Nunca conheci uma pessoa que dela não gostasse. Assim, tornava-se fácil gostar também de suas criações poéticas.

– **O que pode se falar da relação de Violeta com Antonio Rosado Maia? Foi o primeiro namorado dela (o conheceu quando tinha 15 anos de idade) e só depois de 15 anos se casaram?**

– Não, ele, o Antônio Olímpio Rosado Maia, de duas tradicionais famílias nordestinas, com

ramos maiores em Catolé do Rocha e Pombal (ambas na Paraíba) e em cidades do Rio Grande do Norte (confirmam o Dix-Sept Rosado, o Dix-Huit Rosado e vários outros de um costado familiar “numericamente denominado” em francês!) não foi o primeiro namorado de Violeta Formiga. Também não posso assegurar que fui eu o primeiro. Era assunto que não me interessava saber. Além do mais, ela já chegara a João Pessoa com 20 anos de idade, e foi quando a conheci. De que me adiantaria inquirir se eu era o “primeirão” ou não? Meu cavalheirismo natural, aliás, me impediria de abrigar preocupações assim menores. Violeta e eu passeávamos bastante, íamos ao cinema e livrarias, à Bica do Parque Arruda Câmara, discutíamos leituras, especialmente poesia... Como assumi maiores responsabilidades na UFPB, no Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba e no jornal O Norte (hoje extinto), nossos encontros foram rareando e tivemos que encerrar o *mui* romântico namoro, meio a contragosto de ambos.

E foi ali, quando se acabou nosso romance, que entrou em cena, novamente, um conterrâneo dela, que a conhecera ainda em Pombal, quando Violeta era adolescente. Eu o vi muitas vezes no mesmo edifício Tabajara, cortejando-a — e ela até me apresentou aquele sujeito feioso, algo desengonçado, o advogado Antônio Olímpio Rosado Maia, conhecido por Toinho, filho do coronel catoleense Osório Olímpio Maia e bem mais velho que ela. O tal Toinho, que logo depois seria professor da antiga Universidade Autônoma de João Pessoa, botou na cabeça que eu era um “intelectual” e não quis mais me largar de mão. Sempre aparecia com novos livros, novos discos clássicos, além de convites para degustar vinho e participar de leituras. E eu sempre alegando ocupações mil, o que era verdadeiro. Bem depois é que viríamos a saber, pela boca da própria Violeta e pelo testemunho de outras pessoas, que ela somente aceitara casar-se com seu futuro assassino por ▶

► que ele a ameaçava — e ameaçou de espancamento, e até de morte, um irmão menor dela.

– **O que o senhor sabe sobre o assassinato de Violeta Formiga?**

– Diz-se que Violeta foi assassinada “pelo marido ciumento”. Mas posso dizer, de ciência própria e irrefutável, que *ele não era mais marido*, era ex-marido — só que não a largava de mão, não a deixava respirar, vivia perseguindo-a, torturando-a, batendo nela, como costuma ocorrer com muitos indivíduos destituídos de humanidade. E esse assassino não era apenas ciumento; era desproporcionalmente, enormemente, doentamente ciumento. Era, de fato, um acabado doente mental, um ser perverso, um psicopata. Num dos longos artigos que sobre ele publiquei no jornal *O Norte*, manifestei dúvidas — para surpresa de muita gente, menos dos especialistas em Psiquiatria — se ele sofria de Psicose de Korsakoff ou da Síndrome de Wernicke-Korsakoff, talvez advinda do excesso crônico de álcool ou mesmo decorrente de um problema neurológico inato lá dele. Convivi bastante com o indivíduo em questão e posso dizer que aparentava um verniz de cordialidade, mas era extremamente violento, desequilibrado, com profundas perturbações psíquicas. Seu crânio e outras partes do corpo apresentavam deformações físicas, como também havia deformação do caráter, da personalidade, da ética. Certa vez, ele entrou no escritório de um parente dele, advogado, dizendo que ia dar um tiro num fulano de tal. E ficou insistindo nisso, até que o parente se exasperou e gritou com ele: “Antônio, acabe com essa história de matar gente! Você só vive falando nisto, rapaz! Deixe dessa mania ou eu mesmo vou denunciá-lo!”. Falava-se, à boca pequena, que ele já executara várias pessoas, a tiros, em Pomal mesmo, só pelo gosto de vê-las cair mortas. Em sua maioria, teriam sido operários que voltavam do trabalho, a pé ou em suas bicicletas. Não posso



Antonio Rosado Maia, durante o julgamento em que foi acusado da morte de Violeta Formiga

“

Convivi bastante com o indivíduo em questão e posso dizer que aparentava um verniz de cordialidade, mas era extremamente violento, desequilibrado, com profundas perturbações psíquicas”

garantir a veracidade disto, mas que havia tal *cunversê*, havia. Comentava-se, também, que ele fora o executor do pistoleiro Antônio Letreiro, que se acoitava numa propriedade da família dele, no Alto Sertão. Querendo livrar-se de Letreiro, ele o teria “contratado” (mas era só conversa) para fazer um “serviço” em Natal (RN). No caminho,

Letreiro adormecera; ele, *muy amigo*, viajando ao lado do pistoleiro, no banco de trás, teria colocado o cano do revólver no ouvido do antigo morador que lhe ensinara a arte de atirar com armas de fogo — e disparou um tiro à queima-roupa, enterrando o corpo numa mata próxima à beira da rodovia. Ele mesmo se vangloriava disso, contando o caso e pedindo “reserva”. O fato é que Antônio Letreiro desapareceu e seu cadáver (ou paradeiro) jamais foi encontrado. De outra feita, esse mesmo assassino de Violeta, sujeito de alta periculosidade quando irritado, invadiu o antigo bar-restaurante O Elite, ali onde hoje fica a agência do Banco do Brasil, na esquina das avenidas Rui Carneiro e João Maurício, em Manaíra (João Pessoa). Foi assim: ele estava, com duas amigas, numa mesa próxima à do secretário estadual Marcelo Lopes, quando se julgou insultado por um dos acompanhantes da autoridade. Saiu, foi ao carro, pegou uma pistola e voltou para o interior da casa-de-pasto e disparou toda a munição contra Lopes, ferindo outra pessoa. Não matou o doutor Marcelo por milagre! Ainda mais: uma vez, teve uma raiva, em casa mesmo, e atirou com uma pistola .45 contra seu próprio dedão do pé esquerdo, tendo que passar vários meses com a perna engessada. Sua mãe desabafou com vizinhos (a família era *presque-voisine* minha): “Eu pari e criei um monstro!” Certa ocasião, esse mesmo indivíduo chegou à minha casa, armado e algo fora de si, dizendo que queria discutir comigo “um caso de honra, que só podia ser lavado com sangue”. Claro que, tendo-me relacionado com Violeta, depois, casada com ele, achei aquilo muuuuito estranho, esquisito, perigoso — e tratei de me precaver. Nesse tempo, eu era casado com a socióloga sousense Bernadete Mariz, cujo pai, por três vezes, foi prefeito de Sousa, Eládio Melo, a treinara em tiro ao alvo com vários tipos de armas. Então, instruída por mim e sendo uma sertaneja muito corajosa, Betty ficou o tempo todo (por mais de

▶ uma hora) atrás da porta principal da casa, com um Smith & Wesson cano longo calibre .38, de seis balas, já engatilhado e com minha ordem: “Se ele me atacar, atire para valer, mesmo eu estando na frente; com elementos assim não se brinca”. Mas ele, depois de falar, falar e falar na tal “honra somente lavável com sangue”, acabou, ele, ingerindo meu restante estoque caseiro de *scotch* e se foi embora superbebaço. Depois disso, passei vários meses evitando me sentar, nos restaurantes e demais locais públicos, com as costas para a rua, a medo de ser atacado à traição, porque ele silenciosa e misteriosamente me seguia por toda parte da cidade. Às vezes, voltava à minha casa, sem aviso prévio, a fim de me oferecer discos de música clássica, dados ou emprestados. Mas eu sempre os recusava, dizendo que já dispunha daquelas preciosidades ou estava sem tempo de ouvi-las. Violeta, que já não era mais minha namorada, mas continuava amicíssima minha, visitava-me sempre, eventualmente para desabafar que ele, mesmo separado, a perseguiu e ameaçava. “Tenho certeza de que ele vai terminar me matando. Sinto isto!”, dizia-me ela, coitada, com a voz trêmula, o ar preocupado. E eu lhe respondia sempre a mesma coisa: “Denuncie esse sujeito à Polícia, à Justiça, à sua família, faça qualquer coisa e não queira mais conversa, de jeito-maneira, com ele, nem para ir para o céu! Não quer que eu mesmo vá denunciá-lo?” Ela pedia, “pelo amor de Deus”, que não, que não fizesse isso, “senão ele mata meu irmãozinho!”. Veja que sinuca de bico ela estava! Coisa bem parecida Violeta dizia a meu irmão Everaldo: “Minha vida está um inferno. Mesmo tendo acabado nosso casamento, ela continua a me perseguir, não me larga, me ameaça o tempo todo, me espanca”. E Everaldo lhe dava idênticos conselhos: “Faça uma denúncia formal à Justiça e peça garantias à Polícia!” Mas o mau elemento tinha uma conversa melíflua (como praticamente todos os psicopa-

tas) e, cheio de blandícias por um lado e ameaças, por outro, sempre achava um jeito de levá-la de volta a seu apartamento na avenida Nossa Senhora dos Navegantes. Numa dessas vezes, no fatídico dia 21 de agosto de 1982, talvez notando em definitivo que Violeta re-almente não o queria mais — nem como marido, nem como namorado, nem como nada —, deve ter-se irritado a não mais poder e puxou uma pistola para a poetisa. Ela correu e ele a perseguiu pelas escadarias, atirando. Dois tiros a atingiram, um dos quais o fatal, bem no coração. Depois disso, ele subiu e foi ouvir música clássica, como se nada houvesse acontecido. Sim, pasmem: foi calmamente ouvir Brahms! Comportamento típico de sociopata acometido da tal psicose de Korsakoff ou, quem sabe, da síndrome de Wernicke-Korsakoff. Exames periciais e a autópsia mostraram que, antes de levar os tiros, Violeta fora espancada, amordaçada, quase sufocada.

— Antônio Rosado Maia pagou pelo crime?

— Quando foi preso, levaram-no para o Quartel da PM. Por intermédio de amiga em comum, mandou me chamar, para conceder uma “entrevista exclusiva”. A direção do jornal *O Norte*, onde eu era então secretário de redação, aconselhou-me a ir, pois se trataria de um “furo” sobre tema palpitante. Muni-me de um bom gravador e de 10 fitas cassetes. Logo nos primeiros minutos de contato com esse assassino, porém, notei que caíra numa armadilha: ele não queria dar entrevista nenhuma; queria era aproveitar a conversa com o jornalista seu conhecido apenas para se defender publicamente — não para explicar nada, fazer uma confissão formal, tirar nossas dúvidas! Pretendia só valer-se do jornal de maior circulação para apresentar sua... “versão”, naturalmente inventada. E repetia o tempo todo, como para justificar-se em seu desejo de sair da prisão preventiva: “Já está provado que cadeia não emenda criminoso; ao

contrário, faz é piorá-lo”. Logo de início, depois que liguei o gravador, não gostei nada das insinuações em sua fala capciosa: “É bom que eu conceda mesmo uma entrevista a você, Evandro, que conhecia bem a Violeta, por ter sido amante dela...”. Redargui de imediato, com toda a veemência: “Não fui amante dela, não! Fomos namorados!” Ele deu um sorrisinho malicioso e doentio. E eis o teor do restante da conversa inicial:

— Por que matou uma pessoa como Violeta Formiga?

— Ah, eu NÃO a matei! Foi um acidente. A pistola caiu de minha cintura e disparou sem eu querer!

— Que conversa é esta, rapaz?! Foram feitos vários disparos! Quer me convencer de que sua pistola saiu batendo nos degraus da escadaria e disparando?! E disparando logo contra o coração da Violeta?!

— Escreva aí, nas suas anotações: tudo não passou de um acidente. A pistola disparou sem que eu quisesse!

Desliguei o gravador e lhe disse peremptoriamente:

— Não vai mais haver entrevista nenhuma. Chame outro. Não vou me passar para este papel de fazer sua defesa.

Ele ainda quis protestar, mas chamei os dois guardas que vigiavam atentamente nossa conversa e saí do quartel o mais rápido possível. Fui para o jornal indignado e escrevi contra ele violento artigo, saído na edição do dia seguinte. Tão irritado fiquei por haver sido enganado com a perspectiva de uma “entrevista exclusiva”, de um “furo”, que até exagerei no empolamento da linguagem do texto, a começar pelo título: “Como pudeste fazê-lo?!” Para resumir as vicissitudes que se seguiram, esse assassino continuou preso por breve tempo, depois obteve a liberdade; foi a júri e viu-se condenado; depois fugiu para o Rio Grande do Norte, onde parece que foi preso por outros crimes — mas não me lembro bem de tais coisas, haja vista ter-se passado tanto tempo. Antes de morrer, ainda exerceu a advocacia em João Pessoa. Terminou o ▶

▶ assassino de Violeta morrendo de morte morrida, de um câncer, enfim — para alívio para muita gente. Dou só um exemplo desse alívio geral: um amigo meu, professor universitário, dirigia seu carro rumo a Campina Grande (ou de Campina Grande para cá), quando sofreu colisão frontal com outro veículo, tendo falecido, nesse desastre, por azar por cima de azar, uma irmã do tal assassino. Esse meu amigo, em meu humilde entender, passou um tempão temendo que o maluco do sujeito o responsabilizasse pela morte da irmã e o matasse, para se “vingar” da perda dessa mesma mana! E, enfim, repetiu-se a impunidade que sempre foi a marca registrada do Brasil que conhecemos: o assassino de Violeta nunca chegou realmente a pagar por seu inominável crime.

“

"Não há dúvidas de que o seu nome estará sempre se firmando cada vez mais e não será esquecido pelas gerações futuras, graças à aura que crescentemente se reforça em torno de seu nome. Prova disso é que esse mesmo nome seu crescentemente batiza ruas e educandários, sendo ainda homenageado noutros locais e instâncias".

– Qual a importância do legado de Violeta para a cultura paraibana e para a geração atual?

– Embora Violeta nos haja legado apenas dois livros, um dos quais póstumo, organizado por admiradores, ainda hoje se faz sentir sua importância para as Letras de nossa terra, sobre a qual, de uma forma ou de outra, exerceu e exerce influência. É inegável que sua produção poética não chegou a ser extensa, mesmo porque se viu interrompida na hora mesma em que alçava voo; mas o próprio fato de a autora haver sido vítima de bárbaro assassinio emprestou significado adicional à sua presença em nossa Literatura. Foi na UFPB que, sob a influência de professores e de colegas interessados em temas congêneres, despontou totalmente seu gosto pela poesia — mas isto já vinha de antes, de sua adolescência em Pombal, haja vista a cornucópia de poemas que me mostrava, ainda que timidamente, já em inícios da década de 1970. Os versos de Violeta vêm sendo analisados por muita gente boa (como os saudosos F. Pereira Nóbrega e Anco Márcio, a crítica Neide Medeiros Santos, a jornalista Wanda Wilma, o cronista Everaldo Dantas da Nóbrega, a teatróloga e escritora Jandira Lucena, o dramaturgo Fábio Mozart, a ensaísta Rayana Benício de Oliveira, o biógrafo Altemir Garcia, as poetisas Aparecida Ramos e Ísis Dumont, o artista Domingos Sávio, a historiadora Geovânia Estevam, o blogueiro Wagner Lima *et alii*) — e o simples fato de um crítico literário do porte de Hildeberto Barbosa Filho lhe ter dedicado estudos já é algo bem marcante. Não há dúvidas de que o seu nome estará sempre se firmando cada vez mais e não será esquecido pelas gerações futuras, graças à aura que crescentemente se reforça em torno de seu nome. Prova disso é que esse mesmo nome seu crescentemente batiza ruas e educandários, sendo ainda homenageado noutros locais e instâncias. E é bom lembrar

que, a partir de 1975 e até sua morte, Violeta tornou-se uma das colaboradoras permanentes do *Correio das Artes*, suplemento literário do jornal *A União*.

– Falar de Violeta Formiga é falar de poesia, de cultura, mas também não deixa de evocar o tema do feminicídio. Como o senhor avalia a forma como ela foi morta?

– Um absurdo total! Matar um ser humano já é algo altamente condenável. E, então, o que dizer quando a vítima é uma mulher?! A mulher que, por excelência, é a matriz da vida de novos seres humanos! E como se matam mulheres no Brasil, particularmente no Nordeste e, em especial, na Paraíba! As estatísticas são apavorantes! É um atraso terrível, sob todos os pontos de vista. E trata-se, sem dúvida, de crime dos mais hediondos. Mesmo que eu não tivesse tido qualquer tipo de relacionamento sentimental com Violeta Formiga, ainda assim o seu assassinato teria me chocado da maneira tremenda com que me tocou e tocou praticamente toda a população paraibana. Esses sujeitos que batem em mulheres, que as esfaqueiam, que atiram nelas, talvez até se sintam fortes, machões, superiores, mas são justamente o contrário: são fracos, covardes, basicamente abjetos, indignos de serem chamados gente. Ainda que eu vivesse mil anos, jamais seria capaz de perdoar aquele miserável assassino dela — inclusive porque ele interrompeu em plena floração uma artista que, aos 31 anos de idade, apenas havia desabrochado para o significado mais profundo e mais belo da existência. ✦

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal *A União* e do *Correio das Artes*. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Arnaldo Antunes:

Algo antigo



Em *Algo Antigo*, livro de Arnaldo Antunes lançado pela Companhia das Letras em fevereiro, há poemas tradicionais, visuais das mais variadas vertentes, fotografias. Pra deixar claro que o poeta tá engajado com os novos tempos de isolamento, com a avassaladora presença da *midia* e da política no nosso cotidiano.

Mas, claro, o passado também está presente. Afinal, não há presente sem história. Por isso, os afoitos e apressadinhos adeptos do “carpe diem” não se iludam: “o melhor lugar do mundo é aqui e agora” porque ele está impregnado de história.

Arnaldo Antunes sabe bem disso e é por aí que, sendo poeta antenado, nomeia seu livro de *Algo Antigo*, ou melhor, al(anti)go, pois tudo carrega algo de antigo, de passado, de história. E como ele mesmo diz em um poema feito pra cantar, “a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”. Gente é pra viver muito, não pra morrer de covid-19. É ter passado longo pra compartilhar.

Em outras palavras, é a dialética do novo-velho, novo-velho, ou “novelho” – como já poetizou o genial noventão Augusto

de Campos em um poema da década de cinquenta. Poema que o próprio Arnaldo já tematizou em forma e fundo em vários poemas que produziu. Pois: é o que já é.

E viva a vida, a poesia e quem a lê (ainda e sempre).

o v o
n o v e l o
novo no velho
o filho em folhos
na jaula dos joelhos
infante em fonte
feto feito
dentro do
centro

Poema ovo novelo, de Augusto de Campos

Algo Antigo estava terminado e seria lançado antes da pandemia. Mas daí veio o *vírus*, o lançamento foi adiado na esperança de que logo as coisas normalizassem. Como todos sabemos e sentimos, no corpo e na alma, dentro de nós, ao nosso redor, no país e no mundo, a Coisa ainda está aqui.

Arnaldo aproveitou e reviu poemas, reorganizou o livro. Constatou que vários poemas tematizavam o isolamento. Coincidência. Premonição. Sincronicidade. Dê-se o nome que se queira. A arte tem dessas coisas. E outras mais. O que vale é que ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Capa do mais recente livro de Arnaldo Antunes, *Algo Antigo*: “a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”



Arnaldo Antunes está de volta com a palavra, bruta matéria concreta de sua poética, valendo-se de grafismos, diagramações, diversidades de fontes gráficas, poemas em prosa, caligrafismos e fotos

- os poemas tocam nossas mentes, nossos corações com a beleza que já conhecemos de seus livros e canções.

O poema “lápide” diz da passagem do presente em cinco versos rápidos:

aqui jaz
o presente

eterno porque eterna

mente
fugaz

Desde 2015, quando lançou *Agora Aqui Ninguém Precisa de Si*, 1º lugar no Jabuti – que tivemos a feliz oportunidade de comentar aqui no *Correio das Artes* – ele não publicara um novo livro. Vem seis anos depois com a palavra, bruta matéria concreta de sua poética. Como sempre, mesmo vale-se de grafismos, diagramações, diversidades de fontes gráficas, poemas em prosa, caligrafismos, fotos. E mais: tercetos, dísticos, quadras, sextilhas, poemas concretos, etc., dentre outras formas, que ficam

a cargo da descoberta e maravilhamento do leitor.

“algo antigo / onda do mar de Vigo / hexassílabo, fio de telefone, fome / de perigo” veio pra provocar, instigar, coçar a onça com vara curta, brincar de roda, de self, de zap, de vapt, de vupt. Um livro que é um tiro, um tapa, um afago e um beijo.

Reflexão e divertimento. Tudo ao mesmo tempo.

inimigo
da rotina
que prossegue

Não é um livro para indiferentes. São poemas inquietantes. Provocativos. De uma beleza que desinstala o leitor de sua cômoda posição de observador e o coloca como agitador de novas soluções estéticas, sociais, éticas. Sem panfletarismo nem didatismo. Com pleno domínio da linguagem, da forma da palavra, da dimensão semântica, sonora e visual da palavra. Um poeta do rigor da expressão poética.

Para o Brasil com mais de 400 mil mortos, pela covid-19, até o momento, e outro monturo de “cadáver adiado que procria”, no célebre verso de Fernando Pes-

soa, o poema “o homem não existe” cai como uma luva:

o homem não existe
não quer
sair
de si

nem
de si
st
ir

de (não)
ser
pra nas
cer

Arnaldo tira da forma o que a forma dá: informação filosófica, concentração significativa em alto grau. Com as três estrofes o poema, à primeira vista, constrói a figura do inquietante questionamento shakespeariano: ser/não ser. No entanto, a duplicidade da negativa na língua portuguesa é explorada como ênfase da assertividade. Não há a opção do homem existir em hipótese alguma. Ele está condenado por si e por sua circunstância histórica a não existir. É um cadáver adiado. Desistiu de ser pela inércia de sua conduta egoica, narcísica, individualista. Não quer evoluir, transformar o mundo e transformar-se. Está apático.

A grandeza do poema está em condensar todo este vasto painel de informações em tão poucas palavras. Na forma como ao desconstruir este homem zero à esquerda, desconstrói a sintaxe, os vocábulos e a própria musicalidade dos versos. Visualmente, o poema é um estilhaçamento que representa a própria condição do homem arrebatado por sua “inexistência” concreta.

Condensação semântica, visua(musicali)dade: teu nome sempre foi Arnaldo Antunes.

Do primeiro livro, há quase 40 anos, *Ou e*, em 1983, AA já apontava para e/ou isso e/ou aquilo, num movimento que recicla a ▶

◆ festas semióticas

► antítese barroca num movimento dialético do neobarroco. Barroco que, queiramos ou não, está marcadamente presente nas entranhas da cultura brasileira de todas as épocas. Um fator dominante, podemos dizer. Uma dominante rizomática, que se espalha explícita ou subliminar.

Em Arnaldo Antunes ela se faz presente como herança caetânica, compositor que a assume com clareza, reciclando-a ao seu modo: “mas barroco como eu”.

Assim como Arnaldo, quase todos, na cultura brasileira, têm o Barroco embasando ou adubando sua produção. De Oswald de Campos, de Tarsila a Beatriz Milhazes, de Antunes Filho a Mario Bortoloto, de Ana Botafogo a Débora Colker, de Glauber Rocha a Hilton Lacerda, de Donga a Johnny Hooker, de Pierre Vergez a Sebastião Salgado, etc., vai um Brasil neobarroco escancarado ou encoberto. Mas sempre (neo)barroco. Arnaldo e sua poesia aqui. Barroco reciclado presente. Sempre. E ou.

Seus poemas caligráficos, por exemplo, trazem para a página impressa a emoção do texto manuscrito e a configuração mecanizada do texto impresso. Ambos os recursos pulsam na página num movimento de reconhecimento, aproximação e, concomitantemente, trazem a presença do outro – a imprensa. Que chega ao leitor sendo percebida como menos fria, menos distante – menos chaga, mais cheia de lua e estrelas.

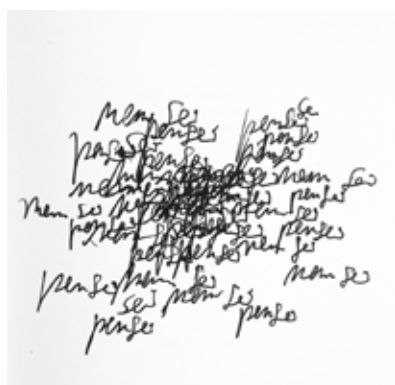
É que agora a letra impressa vem transmutada pela “emoção da presença da letra do poeta” e não apenas pela “presença de um eu-lírico impresso em letras de imprensa”. Não é somente uma voz distante que fala, mas uma mão presente que escreve. Um corpo que se aproxima e se entrega em oferecimento na dádiva do poema que é, por si, dádiva e presente. Tempo presente. Ei-lo.

Presente enquanto aquilo que em ofertório se dá aos olhos, ao corpo. Aquilo que existe no momento atual. Que existe no ins-

tante da enunciação.

Mas também presente como enquanto mimo, regalo, colo, coisa para fazer-se lembrado/a e prolongar a beleza-maravilha daquele instante-já.

O poema “nem sei pensei” é essa hesitação barroca de não saber, pensar, não pensar, saber, tudo desenhado, iconizado, melhor dizendo, nos movimentos do vaivém do coração e da mente, que ora balançam-se rápidos, ora suaves.



Com sextilhas e redondilhas maiores, ou seja, poema de seis estrofes com versos de sete sílabas, mais tônicas predominantes nas segundas, quintas e sétimas sílabas, num tecido tênue e elaborado, de finas filigranas, o poema “e já que não há amor” é moldado fio a fio:

e já que não há amor
também já que não há mais dor
agora nem mel nem sal
escorre ou seca no céu

cessa sua meia-noite
cessa sua noite inteira
cessa-se o fio da foice
do dia que lhe dá beira

cessa sua morte certa
cessa seu tempo justo
cessa-se o todo e a parte
o ar em torno do arbusto

agora não há miragem

pôr dentro ou fora da imagem
agora até mesmo a hora
de partir já foi-se embora

da cova volta à alcova
do útero volta ao berço
o filho volta à avó
o fim ao seu descomeço

só resta de si si mesmo
só resta do mundo o mundo
da poça um poço sem fundo
da água a sede ao avesso

Apaixonado pela cultura popular, dela se valendo em seus poemas e canções. Os timbres e as multiplicidade de instrumentos dos arranjos e os embalos rítmicos ele aproveita nas composições. A estrofação, as rimas e os temas são recursos da poesia de cordel, do desafio e do repente que ecoam em seus poemas.

Fã de carteirinha do Tropicalismo, professa, fiel ao movimento, a inexistência de fronteiras entre erudito e popular. Poesia concreta, poesia de cordel, poesia digital são “um dia, um dado, um dedo”, pra lembrar um célebre verso da cultura popular. Este é Arnaldo, roqueiro e poeta de vanguarda, que bebe tanto no popular como no mais refinado repertório semiótico das artes.

Algo Antigo se encerra com o poema que o intitula, cujos versos finais dizem: “algo / que já era / (embora / vivo) / para (agora) / ser/ um livro”. Livro que é novo elo novo novelo e que se relança ao recomeço. ■

*A coluna de hoje é dedicada à
minha querida amiga, e também
colunista do **Correio das Artes**,
Analice Pereira, que ama a poesia
e a poesia da canção de
Arnaldo Antunes.*

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Giulliana Silva

Tricô em casa

Linha insuficiente
De conversas paralelas
Almoços de domingo.
Tricô de fatos, balelas, churumelas
Mazelas com margem ao acaso?

Força desprovida de qualquer excitação política?
Não!
Mecanismos autoritários da língua,
Linhas de mesmo sangue convergem antagônicas
pontos facínoras...
Pontos cruzados e retos, noutros interpolados
Religando os anseios à tecituras paralelas.

Bate bocas queridas,
Desconcertos eloquentes
Ironias ZAP-ZAP
Linhas brancas de conversas neutras
Outras amarelas envermelhando,
Caras amarradas...
Linhas escuras chumbo,
Tricô desfeito!

Raivas sem maisena
pontos fechados
E mais nada.

In memoriam:

(UM MINUTO NA PANDEMIA)

Hoje, prefiro o suspiro solitário
Em respeito ao tom mortuário
De mármore em esperança flor,
De vidas marcadas de lembranças e de amor.

Hoje, prefiro o silêncio,
me compadeço!
Daqueles que estão em confinamento
Resguardados da aprazível dor.

Hoje, quero escutar a melodia
Para que dê ânimo ao dia
Que se enche de clamor.

Hoje, vivo o segundo contado a dedo
As memórias de outrora
que guardo com desvelo
das vidas que foram embora.

Transição

Já morri tantas vezes
Que a cada morte agradeço
Aquele que me feriu
E aqueles que desconheço.

A cada tropeço vil
Sozinha me desvaneço
Dentre corpos mil
Igual frio azulejo.

A morte tem dessas coisas
O gato do vilarejo
Que pula sete vezes
Enquanto a queda amorteço.

Do aço, só me compadeço,
Neste frio que me arremeto.
Friorento peito,
Feito o rio desce o leito.

Como fio escoteiro
A desvencilhar a vida fugaz
Esticada e
Caída neste parapeto.

Hoje, vejo o caos ao vê-los
Homens iludidos e perdidos no naus
Vidas deixadas à deriva
Que mais importa uma vida?

Hoje, acalento o desespero
Que sorriso feito fio derradeiro
Apenas hoje, espero a confiança
das inconsequentes adolescências.

Hoje, chove meu peito
E os olhos não cabem...
Vejo muitas sementes sob a terra
Aguadas com destemperos e desconsolos.

Hoje, espero plantar amor
Onde nos legaram a imensurável dor.
Só hoje, quero me calar
Apenas por um minuto.

de Vasconcelos

Amador

(Homenagem ao professor Amador Ribeiro Neto)

Amador,
Amado professor
Que diluiu a dor em amor,
Ama a dor reconfortante
Dos poetas e literatos exorbitantes
E das estantes solicitantes
De ruínas e amor.

Do ardor dilacerante
Ante o velho canônico
E o novo digital
Contempla o leitor em seu sentido mais real.

Decerto,
Ouvir dizer que os poetas são milagrosos
Com os acontecimentos do mundo,
Amando a dor e a transmutando em aprazível amor.

E no silêncio fundo onde os sentidos se fazem
Andando sorrateiramente flertando, amando
Com tanto fervor, as palavras dançam e
Caminham solenemente em teus versos professor.

Haroldo Campos e João Cabral
Sem dúvida honrariam a ti com amizade solene
Pela tua danada poesia
Árdua e perene
Primitiva, contextual, atual e concreta.
Pela analgesia
E pelos sentimentos que desperta.

Do amor a intertextualidade
Da sutileza a individualidade
No sossego dos criados mudos
Belos imundos sentidos dilacerar
Para sublimes efusões experimentar

Do céu ao inferno
Do amor a dor
E desse mágico estupor
Concreto dispõe sorrindo
Teus lindos versos compor.
Na beleza do teu “saber com sabor”
Amado e inesquecível Mestre Amador.

ILUSTRAÇÃO: TONIO



Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social e graduanda no curso de Letras Português na UFPB, instituição onde foi aluna do professor Amador Ribeiro Neto, colunista regular do *Correio das Artes*.

Literatura, mesmo engajada, não pode ser panfleto

“EM UM BATE-PAPO EXCLUSIVO COM O POETA PARAIBANO SÉRGIO DE CASTRO PINTO, O ESCRITOR GAÚCHO JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA PASSA À LIMPO SUA CARREIRA, REVELA INFLUÊNCIAS E REFLETE SOBRE O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA

Sérgio de Castro Pinto

Especial para o *Correio das Artes*

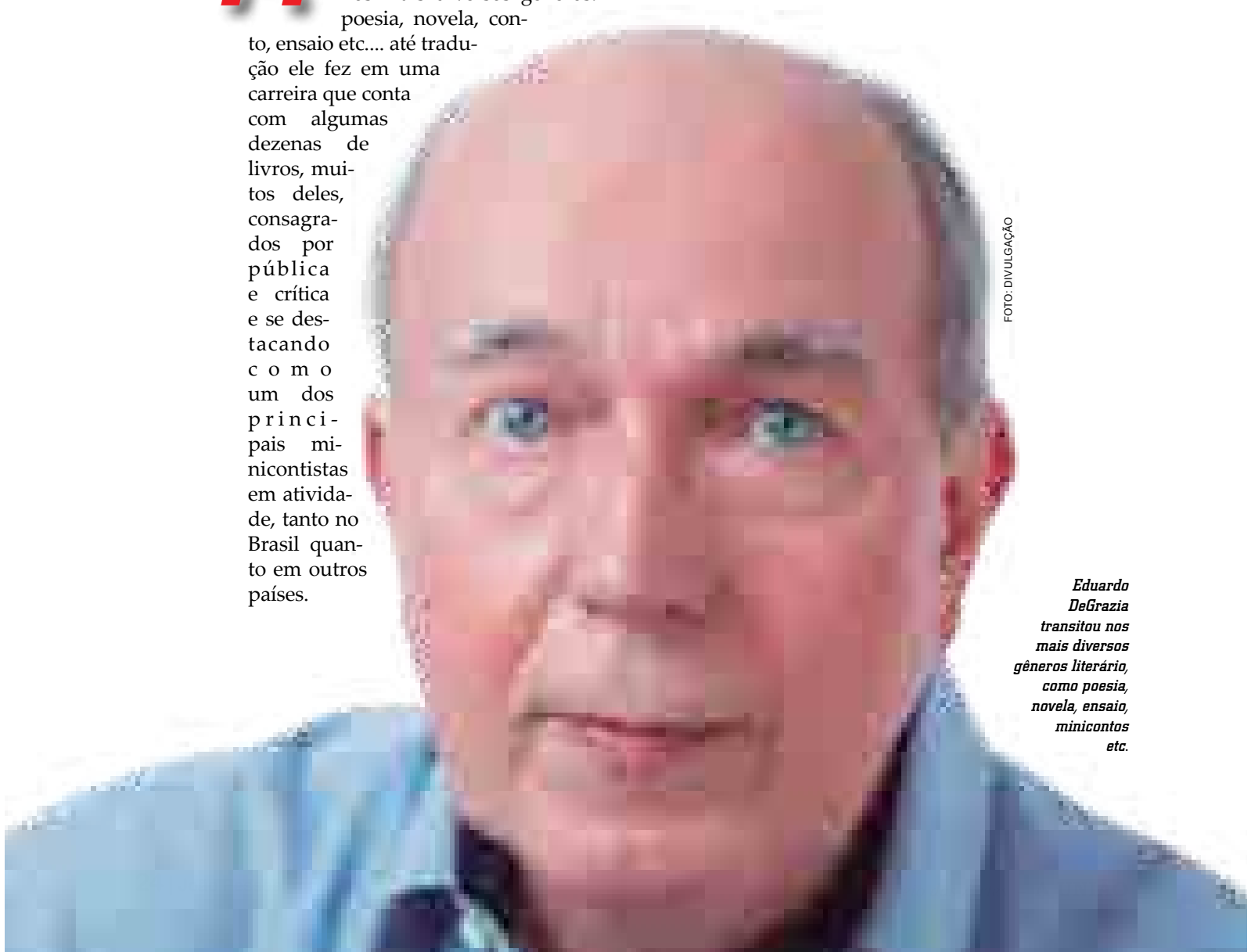
Médico oftalmologista, o gaúcho José Eduardo Degrazia se descobriu na literatura, transitando – e ganhando prêmios – nos mais diversos gêneros:

poesia, novela, conto, ensaio etc.... até tradução ele fez em uma carreira que conta com algumas dezenas de livros, muitos deles, consagrados por pública e crítica e se destacando como um dos principais minicontistas em atividade, tanto no Brasil quanto em outros países.

Poeta e tradutor premiado, autor de obras como *Os Leões Selvagens de Tanganica* (finalista do Prêmio Açorianos em 2003), a novela *O Reino de Macambira* (Livro do Ano, de acordo com a Associação Gaúcha de Escritores, em 2006) e *Obra em Prosa* (premiado pela Academia Internacional Mihai Eminescu da Romênia, em 2012), além de ter traduzido sete obras de Pablo Nerura, Degrazia revela ao poeta paraibano suas influências e detalha sua carreira literária: “Comecei como poeta e contista, e nesses gêneros tenho publicado o maior número de obras e recebido alguns prêmios por eles”, diz em um dos trechos da entrevista a seguir, que o *Correio das Artes* publica com exclusividade: ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO

Eduardo Degrazia transitou nos mais diversos gêneros literário, como poesia, novela, ensaio, minicontos etc.



A entrevista

► – Quais as suas primeiras leituras?

– Nos anos 1950, nas escolas, as seletas traziam principalmente poetas românticos e parnasianos. Castro Alves e Bilac eram imbatíveis. Na minha família, tanto na casa dos meus avós, quanto na dos meus pais, tínhamos bibliotecas, com literatura, e, nelas, li os simbolistas, principalmente Alceu Wamosy, Eduardo Guimarães e Alphonsus de Guimarães; dos modernistas, descobri Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e Mario Quintana. Mas, aos 15 anos, anos 1960, lembro, ainda, o impacto que foi – numa busca de leitura mais consciente –, ter encontrado os livros de João Cabral e Drummond, que me causaram uma revolução intelectual em relação à poesia. Quanto à prosa, nesse período, lia Joaquim Manoel de Macedo, Machado de Assis e Monteiro Lobato.

– E as suas influências?

– Vindo de uma tradição romântico-simbolista, fui conquistado pela maneira de entender o fazer poético de João Cabral e, também, com o contato com a poesia da dita Geração de 60, mais hermética, formalista, com fundo social e trazendo painéis ou epopeias, cujos representantes principais eram, no meu estado, Carlos Nejar e Armin-do Trevisan, que se tornaram meus amigos pessoais até hoje. Na prosa, comecei a ler os contos regionalistas de Simões Lopes Neto e textos esparsos de autores como Tchekov e Kafka. Alguns latino-americanos como Cortázar Borges e Monterroso. Nesse momento tínhamos, em Porto Alegre, um excelente caderno literário, o *Caderno de Sábado*, do jornal *Correio do Povo*, que publicava autores locais, nacionais e já introduzia, no nosso meio, alguns escritores latino-americanos importantes, como Vargas Llosa e outros. Esse jornal muito me influenciou e depois me tornei colaborador dele até os dias de hoje.

tidez das coisas

ilêncio da casa, quando as madeiras estalam,
ro o movimento da engrenagem do tempo,
nifestação evidente da máquina do mundo,
ís do moinho moendo a farinha dos dias,
entes trincando a pele da feroz existência,
ar dos minutos no relógio náufrago da manhã,
mbido da mosca contra sua imagem no vidro da sala.

ilêncio da casa, quando estremecem os móveis
pidam os eletrodomésticos nas redomas de vidro,
ndo tudo num unísono cantochão melancólico,
ro o levantar da poeira do chão entre as moedas
as do sol e as moedas trituradoras de emoções,
lia que range a palavra contra a indiferença e a solidão,
stino dos pratos e talheres prisioneiros lentamente
azendo-se em barro e mortal ferrugem.

coisas morrem sem pânico enquanto olhamos
aídos o vento levantando as cortinas da sala.

coisas são nítidas e têm alma e acreditam
ida eterna.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

› – Existiu – ou existe – para você a chamada “angústia da influência”?

– Posso dizer que se tive, passei bem por ela. Nos anos 1980 tomei consciência de que não pertenciam à Geração de 60 (Donaldo Schüller, no seu livro sobre a poesia no Rio Grande do Sul, me insere no Grupo do Em Mãos, antologias que publicamos nos anos 1970 e 1980 com outros autores) e que a obra de João Cabral de Mello Neto era única e inconfundível, e que se eu continuasse nesse caminho, terminaria fazendo uma poesia fechada, desbastada, formalista. Recuperando, então, o meu passado romântico-simbolista, unindo com o aprendizado dos modernistas e dos poetas da Geração de 60, fui criando uma amálgama que pretendo só minha (pode ser só uma pretensão), sem renegar, no entanto, o que seria impossível, essas influências.

– Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil e no mundo, existia um arraigado sentimento grupal: grupos de poesia, de teatro, artes plásticas etc. Você pertenceu a algum grupo no Rio Grande do Sul?

– Como já citei anteriormente, participei da Cooperativa Grupo Vereda de Escritores, de que faziam parte autores como Moacyr Scliar, Sergio Faraco, Carlos Carvalho, Garcia Schlee e o grupo do Em mãos, constituído por César Pereira, Tasso Genro, Dilan Camargo, Selvino Heck, Zanatta. Eram grupos culturais e políticos, de aberta oposição ao regime autoritário, que tinham contatos com grupos semelhantes, que publicavam em cooperativas, como o formado no Paraná por Domingos Pelegrinni Junior e Hamilton Farias, e com jornais alternativos. Foi uma época muito rica nesse sentido, e complementada com os grupos da dita literatura marginal, que era, digamos assim, uma outra corrente, mas não menos importante.

A pátina do tempo

Para Vera Lúcia de Oliveira

Tudo o que o tempo foi depositando sobre os móveis da casa, o pó sutil que se derramou nos livros da biblioteca, a fadiga dos metais enclausurados na gaveta das facas, o azinhavre que botou tons de verde marinho nos garfos e nos vasos de prata, as madeiras corroídas pelos ventos e pelas marés, as mesas riscadas pelo sonho da família, a ferrugem que foi comendo pelas bordas as imagens dos espelhos, o mel que o entardecer fez escorrer nos vidros das janelas e nas paredes, o amor feito de pão e açúcar, o riso das crianças e dos noivos nas manhãs de maio, as fotografias amarelecendo no fundo dos baús, o lento apagar das luzes dos velhos afastando-se no corredor, só o envelhecer das coisas nos lembra a nossa finitude.



► – **Você é poeta, ficcionista, ensaísta e dramaturgo. Em qual gênero você se sente mais à vontade, mais desenvolvido? Como se opera o diálogo, por exemplo, do poeta com o ensaísta?**

– Comecei como poeta e contista, e nesses gêneros tenho publicado o maior número de obras e recebido alguns prêmios por eles. Na juventude escrevi textos para teatro, mas não continuei a fazê-lo na idade madura (talvez retome alguns que ficaram inacabados). E escrevi duas novelas, a primeira delas premiada com o Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores. O ensaio venho fazendo esporadicamente em jornais e revistas, ainda não tendo publicado livro com eles. A relação da poesia com o ensaio, vem do diálogo que sempre procurei ter entre o fazer, o criar literário, e o pensar sobre ele. Daí passei a escrever alguns ensaios sobre autores, principalmente contemporâneos.

– **Você também é tradutor. Pergunto: um poeta dispõe de mais condições para traduzir poesia do que quem não é poeta?**

– Não necessariamente, mas acredito que, se o poeta tem bagagem literária e conhecimento das formas poéticas, ele terá muito boas condições para trazer para a sua língua a poesia escrita em outras paragens, com a procura de soluções formais que reproduzam o melhor possível o texto original. O poeta também, poderá “transcriar”, às vezes, para manter a musicalidade e o nível metafórico da obra traduzida, mas sempre respeitando ao máximo o original, traindo-a o mínimo possível. Penso que o original é sempre melhor do que a tradução, mas sem ela não teríamos acesso a autores de línguas que não conhecemos, como no meu caso, por exemplo, o japonês e o chinês.

– **De que forma você enxerga a literatura, sua importância e sua função social?**

– Sempre acreditei que a literatura tem um papel importante tanto na elaboração de entendimentos da realidade, quanto na formulação de compromissos com a melhora das condições da humanidade. Esse compromisso, aliado a um irrevogável destino de procura da beleza e da verdade, tem como fim a justiça e a igualdade. A literatura, ao nos mostrar a infinita variação da cultura dos homens e das mulheres, através da emoção e da demonstração dos seus costumes e situações em que vivem, procura nos levar a patamares mais altos de compreensão e dignidade sobre a sociedade e, também, sobre o indivíduo. Sem esquecer, nunca, que a literatura é arte, e, mesmo engajada, não pode ser panfleto, pois ela almeja alcançar ao desígnio maior de sensibilidade, tanto para entendermos o que nos é externo, social, coletivo, quanto o aprofundarmos a nossa subjetividade enquanto seres únicos e livres. ✦

Chuva antiga

A chuva escreve
hieroglifos
na janela
do ônibus.
Cada pinga
traça um sonho
cada sonho respinga
uma saudade
e desenha um rosto
na paisagem
que passa.
A chuva termina
o sonho acaba
e o ônibus vai embora
sem se importar
com teu rosto
e com meu sonho.



Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *Longe, daqui, aqui mesmo: a poética de Mário Quintana e A casa e seus arredores* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O cerco da memória* (1993) e *Zôo imaginário* (2005).

Simpatia é quase amor

*A minha casa fica lá detrás do mundo
Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como a gente voa quando começa a pensar.*
Lupicínio Rodrigues



Luíz Augusto Paiva
Especial para o *Correio das Artes*

Meu filho achou melhor eu vir morar com ele. Separou o maior quarto do seu apartamento, uma suíte de frente para essa pracinha simpática, cheia de árvores e gente.

Colocou nesse cômodo, estante, escrivaninha, televisão, uma cama que mesmo sendo de solteiro é espaçosa e confortável, trouxe meu computador e todos os meus livros. E o que é mais importante, não se esqueceu do meu bandolim e todas as partituras. É com aquelas oito cordas que converso com minhas saudades.

Mas voltando ao meu filho, Olavo sempre foi assim, cuidadoso comigo. Ficava preocupado. Eu sozinho lá no sítio. O caseiro a mais de duzentos metros de distância, na casinha que eu havia mandado cons- ▶

► truir para ele. Mas, se à noite eu precisasse, ele não estaria por perto. Relutei em vir, mas havia os netos, Felipe e André. O primeiro com seis e o segundo com quase cinco e desde que nasceram fizeram minha alegria. Acabei aceitando essa proposta que vinha com tintas de intimidação. A nora, Maria Fernanda, a Fê, era assim com Gracinha e muito gentil comigo. Sabia que ia ser bem acolhido. E fui.

Nem contei. Gracinha foi minha mulher por quarenta e dois anos. Uma vida. Mas o Homem lá de cima resolveu levá-la antes do combinado. Que doença maldita é esse tal de câncer. Em três meses fez minha mulher definir. Que padecimento. Só morfina fazia a coitadinha parar de chorar. Então, quando ela se foi, tive que aceitar, foi um descanso para a pobre.

Ainda fiquei uns meses lá no sítio. Dei trato gentil ao jardim de Gracinha e a tudo que me fizesse dela lembrar. O jardim? Fiz o que pude para manter aquela boniteza. Como ela gostava daquele pedacinho de mundo. Conversava com as plantas. Dona Sinhá era sua roseira preferida. Precisavam vê-la de conversa: hoje vou ter que podar a senhora, é lua nova, vai dar brotação vigorosa e vai florescer mais linda que nunca. Acho mesmo que Dona Sinhá a ouvia e era muito obediente, pois tempinho depois brotavam novos galhos e a seguir os botões anunciavam a premonição de Gracinha. Assim era com as primulas, as onze horas, as flores de maio, as azaléias. E com as hortências, então?! Todas eram Marias, a Das Dores, a Dos Remédios, a Da Anunciação e por aí afora. Tratava-as como gente. Hoje fui ver Do Rosário e não achei que estava bem. Deve ter sido esse sol de queimar lagarto. Então, Do Rosário ganhava rega e adubo nas raízes.

Cedinho começava sua lida. Cada pé de pau, cada árvore, uma orquídea presa ao tronco. Não creio que tivesse menos de cinqüenta no entorno de nossa casa. Gracinha cobrava minha atenção: Norminha floruiu, precisa ver como está mimosa. E eu ia ver Norminha com seus ca-



ILUSTRAÇÃO: TONIO

chos dourados. Seu Alcides nosso gato angorá e Doutor Freud nosso boxer tigrado e parrudo eram o xodó de minha mulher. Quando vim para o apartamento de Olavo tive que me desfazer deles. Que separação dolorida. Doutor Tolentino, proprietário do sítio ao lado, acolheu “os meninos” (era assim que Gracinha se referia a essa dupla serelepe). Sei que estão bem na casa desse meu amigo. Só espero que não sintam de mim a saudade que sinto deles, dói muito.

Quando entendi que vir para a casa de Olavo era uma decisão sem retorno, adoeci. Tive febre de quarenta e dois graus, cheguei a perder a consciência. Aliás, foi Tolentino quem me socorreu. Percebeu a minha ausência e ligou para Olavo. Mudaram-me

para o apartamento naquele mesmo dia. Gostava daquele sítiozinho. Gostava? Muito mais que isso. Era um mundinho que eu e Gracinha escolhemos para o outono de nossas vidas.

Na porteira do sítio o nome da propriedade. Dois mourões de mais de dois metros e meio fincados, um de cada lado da entrada e nas extremidades de cima desses lenhos, um pedaço de corrente segurando uma placa de madeira rústica com o nome ali entalhado: “SÍTIO SIMPATIA É QUASE AMOR”. Gracinha se inspirara no nome de um bloco de carnaval do Rio de Janeiro. Mas, nossa propriedade era conhecida mesmo como SÍTIO SIMPATIA por uns ou SÍTIO DE DONA GRACINHA por outros. Não sei qual desses dois nomes acho mais mimoso. ►

► Mas enfim, faz mais de um ano que estou na casa de Lavinho. Ele parece feliz com minha presença. Fê também e é toda agrados comigo. Ainda me lembro que quando ficou grávida de Felipe veio contar para mim. Estava assustada. Ela e Olavo ainda namoravam, não tinham terminado a faculdade. Chamei Gracinha que acolheu Fernanda, ouviu a história da menina com muita paciência e ternura e disse: já que aconteceu

vamos ver o que podemos fazer. Em seguida deu uma reprimenda em Olavo. Quando viu Fê chorando perguntou: chorando por quê? Fernanda em soluços disse que não sabia como ia contar para o pai dela e concluiu com pensamentos trágicos: meu pai vai me matar. Foi quando Gracinha se levantou e disse: vem cá menina vou com você falar o Arruda (era o pai de Fê). E não deixou Olavo fora do estorvo. O senhor vem também, seu irresponsável. Foram os três. Gracinha achou melhor eu ficar.

Arruda que era mais bravo do que onça com dor de dente, mas amoleceu com a conversa de Gracinha. Aliás, ficou com os olhos cheios de lágrimas (segundo o que minha mulher contou depois) e disse ao final: não era isso que eu queria para você, Fê. Mas agora é tocar a vida para frente. Só não quero ver minha filha falada. Então vamos organizar esse casamento. Olavo tinha vinte e um anos e Fernanda vinte. Casaram um

mês depois. Arruda, hoje em dia, não faz nada na vida sem consultar Olavo e Dona Glória é toda chamego com meu filho. Dona Glória nem preciso apresentar, vocês já desconfiam quem seja.

Veza outra Arruda aparece por aqui e vamos dar uma caminhada em volta da pracinha aqui em frente. Ele é um bom sujeito e acho que aparece mesmo para me fazer companhia. Conversamos sobre muitas coisas quando sentamos naquele banco sob a sombra de uma frondosa sibipiruna. Torcemos pelo mesmo time que não anda lá essas coisas, mas que nos deu muita alegria em nossos tempos de menino. Arruda é saudosista. Tá lembrado? Gylmar, Ismael, Mauro, Dalmo e Haroldo; Lima e Mengalvio; Dorval, Coutinho, Almir e Pepe. Que virada no Maracanã!. Estávamos perdendo de dois a zero e viramos para quatro a dois. Nem Pelé e nem Zito estavam naquele jogo. Depois na “negra”, vencemos de um a zero com gol de Dalmo, de pênalti. Tá lembrado? Claro que eu estava, só não tinha a memória do Arruda.

Algumas vezes levamos o tabuleiro de xadrez e aquela sombra nos acolhe em nossos combates. Na maioria das vezes eu venço. Meu oponente é muito distraído e perde o foco durante uma partida. Aproveito a distração.

Se chove, me liga. Pergunta da Fê, do Olavo e das crianças. Agradeço muito a atenção deles. Digo deles, porque Dona Glorinha vira e mexe me convida para uma bacalhoadada.

As crianças quando estão em casa me tomam o tempo. É um tal de vô vem cá, vô faz isso, vô faz aquilo. Leio histórias para eles e levo Felipe na escolinha de futsal. Fica todo orgulhoso quando aplaudo um dribble dele. O menino tem jeito.

Gostam de me ver ao bandolim. Olavo às vezes abre umas cervejas e chama uns amigos para me verem tocar. Gosto de protagonizar esses momentos.

Ah, meus amigos, quantas vezes toquei só para Gracinha.

É assim meus caros que vou vivendo, sem aquela metade que arrancaram de mim. Tenho os dias cheios, mas as noites são vazias. É difícil pegar no sono. Ficamos no quarto, eu e meu bandolim. Sempre me vem a imagem de Gracinha no jardim regando as plantas. Tento ser firme nessas horas. Mas não há como. As lágrimas me chegam abundantes como fossem capazes de lavar minhas saudades. Ontem mesmo chorei muito. Foi só eu pegar a palheta, afinar as cordas que me veio a imagem de nossa casinha lá no sítio quando eu fazia meu pequeno concerto só para ela me escutar e aplaudir. Como o pensamento voa nessas horas abraçado às nossas melhores recordações. Aparecem como num filme em cinemascope. Ontem, fechei os olhos e vi Gracinha se equilibrando na escada, me ajudando a pendurar aquela placa na porteira do nosso sítio, aquele pedaço de tábua na qual ela mesma entalhou.

É isso meus amigos, vou levando a vida do jeito que posso. Gracinha tinha razão, simpatia é quase amor, mas saudade, o que é? ✖



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Luiz Augusto Paiva é professor de matemática, escritor. Tem livros publicados de contos e crônicas. Escreve semanalmente para o jornal "A União". É membro API e atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores - seção da Paraíba. Natural de Campos do Jordão, reside em João Pessoa

ALGUMAS REFLEXÕES a partir do filme *'Meu Pai'*



É

curiosa a tradução do título do filme *The Father* (escrito e dirigido por Florian Zeller, em 2020, baseado na peça *Le Père*, de sua autoria, e vencedor do Oscar de melhor roteiro adaptado e melhor ator) para o português: *Meu Pai*. Ambos os títulos indicam que a história pode ser “vista” por duas perspectivas diferentes e o espectador, por seu turno, pode se ver

compreendendo a obra a partir do que o título anuncia: se pela ótica do pai, Anthony, se pela ótica da filha, Anne, se por ambos ao mesmo tempo.

Em linhas bem gerais, o filme conta a história de um idoso que vivencia a perda progressiva da memória e não aceita as cuidadoras que a filha tenta contratar para cuidar dele. O filme se des-

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Olivia Colman e Anthony Hopkins em uma cena de 'Meu Pai', filme que parte de uma perspectiva ambivalente para conduzir o espectador a um entre-lugar

► taca, e muito, pela sensibilidade e delicadeza, mas, também, pela tensão sob a qual o tema do esquecimento, decorrente da velhice e/ou do Alzheimer, é tratado. Esses atributos se devem, primordialmente, a um roteiro interessantíssimo, mas não se restringe a ele, obviamente. Para dar vida a gestos e entremeios de narrações, próprios dos movimentos de esquecer e lembrar, os personagens protagonistas, sob cujas óticas é possível observar a história, ganham uma dimensão tremenda nas peles de Anthony Hopkins e de Olivia Colman.

O que se passa nas mentes dos protagonistas, marcadas pela transição entre o esquecer e o lembrar, ou seja, essa confusão narrativa, deve-se à forma como tempo e espaço são ambientados. Daí a necessidade de se observar esses elementos que permitem ao espectador o mergulho num entre-lugar onde transitam e se complementam duas instâncias importantes da obra: o que de fato acontece e o que acontece apenas na mente do protagonista (ou seria, também, na mente da filha?).

Essa perspectiva ambivalente constitui artifício artístico condizente à relação nada excludente entre as ações de esquecer e de lembrar. Noutras palavras, a história, quando vista da perspectiva da filha, a quem é supostamente atribuída a ação de lembrar, mostra-se tão confusa quanto quando vista a partir da mente de Anthony, a quem é atribuído o esquecimento. Trata-se, assim, de um aspecto marcante da obra, dada a sua capacidade de envolver o espectador, influenciando, em muita medida, a sua recepção estética.

Dentre esses elementos fílmicos e de ambientação, podemos destacar a porta, figurativizada como um símbolo que denota tanto a ideia de passagem quanto de lugar limítrofe que separa dois mundos: o mundo que se configura na lembrança e o mundo que se configura no e pelo



Anthony Hopkins é Anthony, personagem que mostra a possibilidade dos afetos pela aventura da memória falha

esquecimento. Esse é um dos elementos que convida o espectador à desventura de Anthony e Anne porque é a ela que se deve os efeitos um tanto perturbadores do filme.

Portas. Muitas e diversas portas. Pretas, brancas, azuis... Corredores com portas ao fundo e nas laterais. Mecanismos de passagens de espaços e tempos. Lembrança e esquecimento. Passar de um tempo a outro e de um espaço a outro com um simples abrir e fechar de porta. A vida de Anthony parece estar em suspenso, pois se encontra regida pelas imagens das portas que tentam demarcar os lugares confusos de sua mente e pelo relógio de pulso, objeto pelo qual o personagem desenvolve uma certa obsessão.

Uma vida em suspenso porque tempo e espaço se definem nas passagens e não num lugar e tempo concretos como sendo dentro ou fora, antes ou depois, hoje ou ontem etc. Por exemplo: o filme termina numa cena extre-

mamente dramática em que Anthony mergulha na sua solidão, no seu sentimento de abandono e, iludido de que, ainda, domina seu tempo, diz: “Não tenho mais um lugar para encostar a cabeça, mas eu sei que o meu relógio está no meu pulso, disso eu sei. Para a passagem. Senão eu não sei se eu estaria pronto para...” É dessa vida que acontece na “passagem” que o filme trata e, para tanto, utiliza-se do mecanismo da porta. Para fins de ilustração, destaco duas cenas marcantes: uma passada pelo pensamento de Anne e outra pelo sonho de Anthony.

A primeira sugere uma tentativa de estrangulamento que Anne investe contra o pai. Esta cena é mostrada por uma câmera posicionada na abertura entre a forra onde se encontra a dobradiça, que é o elemento fixo, e a própria folha da porta, ou seja, numa fresta, que não é do lado da abertura, do trinco. A câmera, fixada nesse entre-lugar, só é possível porque a porta não se encontra aberta nem fechada. Assim, a perspectiva de onde a cena é vista indica uma demarcação do lugar do acontecimento, revelado logo em seguida, como sendo o pensamento de Anne, tão confuso quanto o do pai porque sugestionado pelos seus sentimentos, também confusos, em relação à situação.

A segunda cena acontece com Anthony e a filha Lucy, que pode ser Laura, a candidata a cuidadora. Ao abrir a porta do seu quarto, Anthony se encaminha até o final do corredor, onde há uma outra porta que vai dar num corredor de hospital e, seguindo o chamado da voz da filha, se depara com a personagem machucada e em um leito. Ao levantar da cama, sugerindo, ainda, uma ideia de incerteza se se encontra dentro ou fora do sonho, o personagem percorre o corredor e se depara com a mesma porta, que, ao abrir, vê que se trata de um armário. Diferentemente da primeira cena, aqui a câmera segue o personagem em sua mobilidade e indica a perspectiva narrativa, represen-



No enredo, relógio e porta constituem mecanismos de passagem que simbolizam um entre-lugar onde se encontram pai e filha: suspensos e perdidos nos seus afetos

▶ tada, portanto, pelo entre-lugar em que se encontram sonho e realidade.

Se porta é elemento de passagem, personagens e espectador somos seres em situação de suspensão, mas não somente pelo mecanismo do vaivém do elemento em questão. Os posicionamentos da câmera também auxiliam na definição da perspectiva narrativa. A questão é que, ainda assim, somos seres em suspensão, dada a ambivalência em que a narrativa é contada. E este parece ser mistério maravilhoso dessa obra.

Para Jean Chevalier (*Dicionário de Símbolos*. RJ: José Olympio, 2001), “A porta se abre sobre um mistério, mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la.” (p. 734/735). Parece adequado afirmar que é justamente esse convite que o espectador é tentado a aceitar. E se “A porta é comunicação do instrumento oculto, do utensílio secreto” (p. 737), em *Meu pai*, este oculto se revela como um entre-lugar, um espaço-tempo configurado pela relação intercambiável entre os atos de esquecer e de lembrar, e, nesse intercâmbio, a memória também pode imaginar, pode ser inspiradora, musa: em sua mente, Anthony foi dançarino; a sua relação com a arte é marcante, também, nesse processo da imaginação atribuída a uma memória falha. Por exemplo: o gosto por óperas

e por pinturas, conforme se vê em abundância nas paredes do seu apartamento, contrastam uma vida dedicada à engenharia.

E se memória denota tempo, está explicada a obsessão de Anthony por relógios: diz ter um no pulso e outro na cabeça. Relógio e porta constituem, assim, mecanismos de passagem transformados em elementos estéticos que simbolizam um entre-lugar onde se encontram pai e filha: suspensos e perdidos nos seus afetos.

Lidar com pessoas na situação de Anthony deve ser algo difícil, justamente porque fogem às convenções dos lugares e dos tempos definidos por tantos mecanismos e condicionantes sociais. Elas vivem num entre-lugar, praticamente, inacessível a quem cuida e convive com elas. Porém Anthony nos mostra a possibilidade dos afetos pela aventura da memória falha, porque nos convida a mergulhar na sua experiência memorial que parece acessar, na mesma proporção, tanto as lembranças do passado, quanto seus desejos recalçados.

Meu pai nos transporta, portanto, para essa reflexão sobre o que é lidar com alguém que está perdendo sua memória e, consequentemente, nos convida a uma experiência, inclusive por meio da atuação primorosa de Anthony Hopkins e de Olivia Colman, estética, ética e, também, catártica, porque, no final das contas, ficamos todos – pai, filha e espectador – suspensos num tempo lugar indefinidos ou, melhor dizendo, num entre-lugar. Com esse propósito, o filme recorre a muitos artifícios cinematográficos, dentre os quais, destacamos aqui alguns mecanismos cênicos e estéticos, responsáveis pela perspectiva ambivalente, apresentada já na possibilidade inferida na tradução do título para a língua portuguesa.

Por fim, o filme nos convida a pensar sobre velhice, memória, lembranças, esquecimentos como lugares indeterminados porque falhos, desfigurados, sombrios, às vezes. Talvez o filme nos mostre, também, que lidar com uma pessoa idosa requer de nós, simplesmente, saber ouvi-la, pois, como diz Ecléa Bosi, no livro *Memória e Sociedade* (1994), “A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual”. ✦

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Torto arado

Passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado.

Ana Adelaide Peixoto

Especial para o *Correio das Artes*

Livro de Itamar Vieira Junior e que deveria fazer parte dos programas escolares. Um romance de formação; a terra e a sua exploração do espaço e da humanidade; a Des-humanização (e aqui vai a referência ao livro do escritor Português Valter Hugo Mãe) que também conta uma história de um lugarejo nos confins da Islândia, e que, igualmente, tem a sua violência particular dos habitantes, da subjetividade e de um povoado, narrado do ponto de vista de duas irmãs gêmeas.

Torto Arado (Todavia, 2019), um romance que fala do povo do interior profundo da Bahia. Uma saga de famílias que viviam nas terras das fazendas, sem direito a casa de alvenaria e só o barro de uma casa precária, tra-

balho extenuante, exploração pelos patrões e um quintal, para nem isso chamar de seu, mas que às escondidas, plantavam batata, abóbora, plantas e ervas. Uma escravidão que ainda não acabara e uma trama que atravessa vozes, gerações e temas. “A mesma escravidão de antes, fantasiada de liberdade.”

O enredo, contado do ponto de vista de duas irmãs, Belonísia e Bibiana, que sofrem um desatino da curiosidade quando mocinhas. Uma mala com segredos indecifráveis, uma faca com cabo de marfim, com história de sangue e feridas profundas. E as irmãs que se amam, se estranham, se ferem, se cuidam, e por quem a gente entra em contato com sentimentos familiares, ancestrais, da roça, dos silêncios impostos e escolhidos, e da luta gigante das mulheres e das suas vidas inimagináveis.

Como mulher branca e do litoral (mas, como qualquer brasileiro, com uma ascendência nos índios e nos negros), parece que somos distantes do Brasil profundo. Ledo engano. Já conheci o Sertão. Pouco, é verdade. E sempre visto do lugar dos patrões. Mas passei férias em engenhos e usinas de parentes, de amigos, e andei de carro de boi e perambulava pelas plantações de milho e tomava banho de açudes e rios. Comi sapoti no pé. Vi aquelas mulheres sentadas na porta de casa com as comadres. Os vaqueiros e capatazes. Feiras do interior. Poderia, quem sabe, denominar de saber atávico, ou um inconsciente coletivo pelo não dito e não vivido. E por isso, e mesmo com um olhar distante e sem lugar de fala, a gente sente o cheiro e as dores de histórias como essa.

Dia desses, assisti, encantada, a entrevista do autor, Itamar Vieira Junior, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Itamar, um jovem funcionário do Incra; mestre e doutor no tema da terra e da Ciência da Economia, transformou seu saber e vivência em ficção, com toda a propriedade de quem conhece a fundo as questões dessa mesma terra. E nos perguntávamos – Esse Brasil, ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Itamar Vieira Junior, autor de 'Torto Arado' (capa abaixo): romance de formação que fala do povo do interior profundo da Bahia





O enredo é contado do ponto de vista de duas irmãs: mala com segredos indecifráveis e uma faca com cabo de marfim, com história de sangue e feridas profundas.

▶ ainda existe? Sim! E igualzinho ao livro! E porque não sabemos dele? E por que o abandono? E porque as mudanças chegam tão tarde e tão assustadoramente precárias? Ouvi-o em estado de espanto. De curiosidade. E admiração.

Em *Torto Arado*, as histórias de Belonísia e Bibiana, me fizeram chorar. O silêncio imposto pela tragédia privada e escolhida, como resistência e formas de sobrevivência. Por que sempre existe um patrão, os homens, a violência delas de cada e todo dia? Mas também existia a mãe, a avó, a madrinha, a vizinha, a rezadeira.... “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos pelas crianças que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas.”

Sou distante e respeitosa para com as religiões afro-brasileiras, Candomblé e todos os Pais de Santo (velas, incensos e ladainhas). As festas de Jarê! Que maravilha entrar em contato com essa fé tão brasileira- o milagre das energias, e dos “encantados”. Gostei desse nome – o encantado! “O Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Era o senhor do corpo e do espírito do meu pai, das bênçãos e curas que chegam aos necessitados e à terra”. Aquele que possui, que vira saia, roda, bebe, dança, canta e celebra. Aquele que vaga pelas matas, cai debaixo dos pés de buritis, à beira dos rios e que não tem medo de nada.

Perambula sob as estrelas e orienta os roçados, os arados – mesmo que tortos e cheios de armadilhas, para mim, de uma língua que não conheço: “ ninhos de xorró-d’água, cabeça-de-velho, sabiá-bosteira, sabiá-bico-de-osso, bem-te-vi, patu-dáua e guachu” .

Uma história que mergulha nos quilombos e na ancestralidade. Que encarna sob o manto do Zeca Chapéu Grande. “ Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos....”

Torto Arado também nos fala da chegada da modernização. A força do sindicato, da união dos trabalhadores, mas nem por isso menos

violenta. A polícia sempre encontra uma plantação de maconha para incriminar aqueles que lutam por uma vida melhor no campo e que enfrenta os seus algozes e/ou o Senhorzinho da Casa Grande. A consciência política; a coragem, o medo, e novamente uma faca. A faca que nos indica que – “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte.”!

Belonísia, Bibiana, Crispina, Crispiniana, Miúda, Santa Bárbara, Santa Rita Pescadeira, Salustiana, Donana, Carmelita, mulheres do mato, mulheres da roça, mulheres da valentia desse Brasil gigante: “cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui da sua ida.” E mais: “...a boca, a vela, os sons dos encantados agitando o ar, os peixes nadando contra correnteza”. E o som do mundo havia sempre sido, a sua voz. As vozes das mulheres do Arado!

E essas vozes se perpetuam, pela oralidade visita e re-visita dessas comunidades dos plantios e da escravidão. O que restava era enxugar o barro, varrer os escombros quando das cheias; tirar água em gotas da chuva quando atravessava a seca; dos grãos de milho para fazer biju; guardar os segredos do povo; girar tonto e se transformar em onça do mato, para enfrentar os demônios de si e do povoado. Só assim, contanto as histórias gerações adentro, é que a força e a perpetuidade da história se faz conhecida. Sobrevive. E encontra o lugar e o tempo que merecem.

“Essas histórias que encontra nos livros e ouvia da boca do povo vão se desenrolando em minha cabeça como um novelo de malha de apanhar peixe. Quando sento quieta para costurar uma roupa velha ou levanto a enxada para devolvê-la de novo ao chão, abrindo covas, arrancando as raízes das plantas, é que esse fio, que tem sido meu pensamento, vai se fazendo a trama.”

Obrigada Belonísia e Bibiana por nos contar essas histórias de força e coragem feminina, e, obrigada Itamar por nos re-velar esse Brasil tão esquecido e tão aqui. E tão lá! ✦

Ana Adelaide Peixoto é professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da UFPb. É doutora em Teoria da Literatura; colunista do jornal *A União* e tem dois livros publicados: 'Brincos, Pra Que Te Quero?' e 'De Paisagens e de Outras Tardes' (2016). Mora em João Pessoa.



"A aurora do homem": performance criada pelo cineasta Stanley Kubrick em '2001, Uma Odisseia no Espaço' sugere um breve e possível estado de "consciência social" entre macacos

Uma alegoria semântica da linguagem

Do primata à Discovery - Do Cinema à Televisão
(ou, De como a abstração da "eclipse" preconiza a cultura figurativa e a discricção do poder tecnológico)



Através do QR Code acima, assista a 'A Idade do Cinema', cuja referência encontra-se na página 38

Alex Santos

Especial para o *Correio das Artes*

"Os sinais fornecem à inteligência do homem conceitos constituídos pelos seus respectivos significados. (...) tudo o que está no universo e possui uma significação para o homem, passou pelo significado dos sinais e foi ordenado por eles"

(Luís J. Prieto, *Mensagens e Sinais*)

(*The Dawn of Man*) – Em "A aurora do homem", a genialidade criativa se sobrepõe em sortilégio de luz-e-sombras, virtuosismo e em mero realismo fantástico. Divididos

em facções, macacos sediciosos como que ensaiam seus primeiros gestos ("armados") em defesa da posse/preservação de um ambiente telúrico, motivo real da sua subsistência: um barreiro com água em meio a uma região pedreguenta, estéril, desértica, cujas planícies predominam num sem-fim a se perderem de vista. Essa inusitada performance simiesca – criada pela maestria do cineasta Stanley Kubrick em 2001, *Uma Odisseia no Espaço* –, no primeiro instante sugere um breve e possível estado de "consciência social", de poder vivido por primatas em pleno período cenozoico, histórica e etnoan-

tropologicamente marcado pelo então aparecimento dos símios antropomorfos na face da terra.

O desfecho dessa então concepção kubrickiana, a rigor, dar-se-á no lance seguinte, quando na cena um simples osso (sintomática e analogicamente demudado em *arma*), desprendendo-se da mão de um primata, num virtual bailado espacial em *câmera-lenta*, funde-se no céu com a espaçonave Discovery, anos-luz depois, na mais colossal e fascinante *eclipse* jamais construída pelo cinema de todos os tempos. Um fabuloso exercício de criação artística, que houve de sedimentar ▶



Outro "take" do filme '2001': abertura da obra-prima de Kubrick leva a reflexões sobre comunicação e linguagem

- o nosso entendimento, *a priori*, sobre o começo de um processo "comunicante" entre aqueles seres vivos, mesmo que irracionais, e a Luz no cinema.

Estímulo simbólico
– ou, uma "comunicação"
entre animais

Visualizando o real sentido gestual do então primata como um "estímulo simbólico" de irritação e de *poder* sobre os demais macacos, na tentativa de afugentá-los instintivamente com um osso, somos obrigados a admitir a existência de um certo "entendimento lógico" entre aqueles animais, o que não poderia ser uma forma de comunicação no seu sentido mais literal; mas, quase isso. Até pela "não existência de comunicação entre os animais", conforme defende meu ex-professor da UnB, Muleka Ditoka Wa Kalenga¹, para quem "a comunicação começa pela percepção, e que os animais simplesmente se entendem através de mecanismos diferenciados e de estímulos herdados geneticamente".

Por outro lado, alguns autores tendem a reconhecer o fato de uma inusitada comunicação entre animais, já que eles são capazes de exteriorizar certos medos, prazeres e cóleras através de sons e gestos. E que o "comunicar", neste caso, seria uma forma de influenciar o comportamento de outros animais que presenciem tais manifestações.

Em assim sendo, remetemo-

-nos à situação criada, manifesta por Kubrick em *2001*, para rigorosamente relevar o fato de uma "comunicação entre animais", e que teria sido mostrada nas primeiras cenas do filme.

Se a comunicação é, ou não, um atributo também animal, lembremo-nos de W. La Barre² quando usa o termo "fático" como referência à "vocalização dos primatas", avaliando que, "a fala semântica humana originou-se da comunicação fática dos primatas num novo contexto biossocial". Mesmo assim, sabe-se que é de exclusividade do ser humano a "verdadeira comunicação", e que só o Homem (*in lato senso*) possui aptidões à linguagem semântica; ao domínio da linguagem dos sinais – sonora e visual.

No caso específico da "comunicação" entre animais, que entendemos existir na abertura do filme de Stanley Kubrick, um outro termo se nos apresenta como que complementar à própria comunicação: Linguagem. Em sua obra *Antropologia*, E.B. Tylor³ questiona a linguagem também como um elemento de manifestação animal, mas sob um enfoque só cultural, sendo bem claro quanto ao sentido da "linguagem dos gestos, dos gritos e da linguagem natural" entre tais espécimes.

A corroborar com a posição de Tylor, poderíamos chamar esse tipo de linguagem de comunicação? Por polêmicos que sejam os termos comunicação e lingua-

gem, houve de existir muitas outras opiniões a respeito...

Sem pretender adentrar os meandros epistemológicos, ou ainda teoricamente etnológicos/etimológicos/semânticos, que este assunto possa/deva assim exigir, lembraríamos do estudo feito por Karl von Frisch sobre abelhas: "Por muito preciso e engenhoso que seja esse sistema de comunicação (o grifo é nosso) entre as abelhas – ou outro tipo qualquer de sistema de comunicação utilizado pelos animais –, não constitui, ainda, uma linguagem, pelo menos no sentido em que utilizamos o termo quando falamos de linguagem humana". Naturalmente, essa como veiculadora aos mais variados sentidos de Comunicação.

Conclui-se, então, que, da percepção de um fato e o domínio linguístico desse mesmo episódio ao seu estado consciente de recriação, será apenas de um exercício inventivo. Visto que, segundo afirma Alegredo Bosi⁴ "antes de construir conceitos e máquinas, enquanto fabricava as primeiras ferramentas, o homem criou mitos e pintou imagens (...) o liame do homem com a natureza".

Tudo isso apontando, ainda, para uma mútua relação entre força e forma, que dá sentido ao "plasmar estético". E sob cuja representação sintagmática podemos entender também a manifestação artística, a linguagem e os signos comunicantes. ▶

A IDADE DO CINEMA – OU, A FORÇA LUMINOSA DOS CRISTAIS

“Cinema é Luz!”
(Federico Fellini)

No evento específico do acima referido, de transmutação das manifestações artísticas em *linguagens* e *signos comunicantes*, objetivamente houve de se incluir o fundamento do “plasmar estético”. Sintagma esse que se insere, essencialmente, nos domínios e funções do cinema enquanto arte.

Aliado a esses fundamentos filosóficos da Comunicação, e buscando um saber mais lógico, diria até erudito e tradicional a um entendimento inclusive metafórico, busquei construir *A Idade do Cinema*, em 2008. Um relato audiovisualizado deveras autoral, não menos fundamentado em evidências históricas e científicas, mas também em elementos da Natureza, sobre o que realmente o fenômeno da Luz refletida, em nuances várias, propõe para sedimentar a arte cinematográfica. É como se buscasse na magia do “haikai” a síntese de uma visão poética e ao mesmo tempo realista de uma arte que aprendeu a ser grande, sempre grande, como é o Cinema.

Mais ainda, busquei em Stanley Kubrick, na sua fantástica “viagem sideral” de 1968, *Uma Odisseia no Espaço* (*A Space Odyssey*), a contemporaneidade de minha proposta sobre um cinema iniciante, que resultou de remotas e experimentais formas de luzes, para então corroborar com a expressão felliniana, acima citada.

Inicialmente, respaldei-me em aspectos filosóficos de minha dissertação de mestrado na Universidade de Brasília, conseguidos em várias pesquisas, altercando o axioma seguinte na abertura do nosso audiovisual *A Idade do*



Cena de “Viagem à Lua”, do francês Georges Méliès, que fez história no começo do século 20

Cinema: “Tão antigos quanto os Continentes perdidos da Terra, os cristais de rocha – o Quartzo – são arquivos cósmicos que guardam segredos e conhecimentos de antigas civilizações. Os cristais seriam mensageiros da Nova Era de Aquário, um instrumento poderoso para o Homem aprender com o passado e preparar o futuro. A energia que sai dos cristais, uma composição dos elementos da Natureza e dos raios vibracionais, transmite uma espécie de raio que é absorvido pelo corpo físico e vai além do tempo e do espaço.” (pt. wikipedia.org/física)

Fundamentado na sentença acima, sobre a luz dos cristais, coube-me um grave desafio: como vincular o transluzimento do quartzo aos écrans de uma arte de luz e sombras? Mergulhei nas experiências luminares de figuras mitológicas como Da Vinci, Isaac Newton e suas refrações de luzes através do prisma, ensaios obtidos no século dezessete. Duzentos anos depois, nos adventos e criações em Paris, na França, de Georges Méliès e dos Irmãos Lumière, seguidos por D.W. Griffith nos EUA.

Por oportuno, vieram-me ainda os fundamentos da própria História do Cinema, simplesmente. Suas primeiras experiências na mobilização da imagem, ainda na tentativa de emprego do quadro-a-quadro, recurso esse rudimentarmente aprimorado posteriormente no Cinematógrafo, passando depois para a película fílmica não-sonora, filmes esses ainda numa rotação de 16qs (quadros por segundo). Depois, como já sabemos, vivenciando toda essa saga, o *grand débit*, com a expansão do cinema sonoro e colorido. O que os americanos passaram a chamar de *movie theater*.

As figuras mais destacadas do mundo do cinema, bem como suas

películas emblemáticas, desfilam no nosso audiovisual de apenas de 30 minutos. A exemplo de Kubrick em *2001...*, que traz simbólico prenúncio na abertura de seu filme, e que fiz questão de rotular o nosso de “A Aurora de Kubrick”, parafraseando o seu *The Dawn of Man* (A aurora do homem), para homenagear o grande diretor.

Mas o liame narrativo que mais me motivou foi a sua fascinante “eclipse”, que pude recriar em dois momentos: Transcrevendo o símio, quando empunhando um simples osso tritura no solo esqueleto de um seu semelhante e, dessa fúria simiesca, o osso voa em câmera lenta, fundindo-se com a espaçonave Discovery. Traçando, assim, a mais bela figura de estilo narrativo cinematográfico (eclipse) de tempo e espaço, que a Sétima Arte jamais construiu, deixando-nos cara a cara com o Novo Século e no tempo em que hoje vivemos.

No caso de *A Idade do Cinema*, sugeri a analogia de tempo e de luz seguinte: durante uma tempestade, símios ficam receosos quando um raio atinge uma rocha próximo deles, “cristalizando-a”. Um dos primatas, então curioso, busca tocar nesse cristal, por vezes temerosamente. Visto agora através do próprio cristal (sua imagem refletida), ao tocá-lo com o dedo somos transportados anos-luz à Michelangelo e sua grande obra “A criação do homem”, onde tudo começa, inclusive o Cinema... ▀

Alex Santos é advogado, jornalista profissional e cineasta, Mestre em Comunicação Social e Cultura Contemporânea pela UNB, professor aposentado da UFPA, ex-presidente fundador da Academia Paraibana de Cinema (Cadeira 5), autor de livros sobre cinema e televisão, realizador de filmes premiados nacionalmente e autor do blog www.alexasantos.com.br. Mora em João Pessoa-PB.

* Do livro “Cinema e Televisão – Uma relação antropofágica”, da Tese de Mestrado do autor, na UnB (1985).

1. Muleka Ditoka Wa Kalenga professor de Teoria da Comunicação da Universidade de Brasília.
2. La Barre, W. - “The Human Animal”, Chicago, Univ. of Chicago Press, 1955.
3. Tylor, E. B. - “Antropologia”, Madrid, Jorro, 1912.
4. BOSI, Alegredo, “Reflexões sobre a Arte”, Ed. Ática, S. Paulo, 1985.



No livro *Quando a Saudade me Visita* (Ideia, 2020), Phelipe Caldas narra a dificuldade que foi, para ele, deletar da memória do celular o número de telefone da mãe, um mês depois de sua morte. Essa experiência digital do luto, que o cronista comparou à resistência do pai viúvo em tirar a aliança, nos meses que se seguiram à morte da esposa, é cada vez mais recorrente, sobretudo em tempos de pandemia, quando mortes até próximas se fazem conhecidas através da internet — por vezes com seus velórios transmitidos on-line, na impossibilidade de uma cerimônia presencial.

Deparar com os contatos de Ely Marques e Rita Queiroga na minha lista de e-mails me trouxe à lembrança a crônica de Phelipe e a minha primeira experiência (ainda analógica) de luto. Eu tinha sete anos quando a professora que me ensinou a ler morreu de meningite. Uma das histórias que mais ouvi durante a minha infância foi que os pais de Ana Márcia não conseguiram se desfazer de suas coisas: por anos (provavelmente até hoje, segundo minha mãe), seu quarto foi mantido intacto, com a cama feita, as roupas dentro do guarda-roupa e os móveis no mesmo lugar.

Eu fui reprovado nos primeiros anos escolares, algo proibido por lei anos mais tarde. Em parte, havia um grave problema de miopia que quem primeiro notou foi, por sinal, Ana Márcia — que estranhava minha caligrafia miúda e o

O luto digital



Phelipe Caldas e a capa de seu novo livro, *Quando a Saudade me Visita*: experiência digital do luto

quanto eu aproximava meus olhos da cartilha, sempre que precisava ler. Em parte, havia também a ausência de Ana Márcia: eu me lembro de ter que lidar sozinho com conjecturas filosóficas demais para alguém da minha idade, que nem meus pais conseguiam responder a contento.

Estariam os pais de Ana Márcia esperando que a filha um dia voltasse, mantendo o quarto ainda preparado para a sua visita? Habitaria Ana Márcia ainda o quarto daquela casa, cuja pintura rosa me fazia tremer sempre que tinha que passar por ela, que era quase na frente do prédio da escola?

Eram perguntas que eu me lembro de me fazer, e que deram lugar a novas perguntas quando Claudinha, minha colega de classe, morreu afogada na Baía da Traição, numa tragédia que levou também a mãe e a tia, que tentaram salvá-la, e sobre a qual eu tive a oportunidade de escrever no



meu primeiro livro, *Demônios Domésticos*. Até hoje me comovo com o fato de Claudinha ter sido enterrada com o uniforme do colégio, e com o detalhe de que quando a vi, vestida como eu, estendida num dos três caixões na sala de sua casa, foi provavelmente a primeira vez que tive um pensamento hoje recorrente: o de que talvez seja eu o próximo.

Eis a ambiguidade fatalista da morte, sempre acontecendo aos outros e nunca a nós mesmos, no fundo carregando sempre o alívio de não sermos nós os mortos da vez, mas a angústia quase sempre palpável de que, mais cedo ou mais tarde, seremos nós os próximos — algo que Tolstói, muito melhor do que eu, narrou nas páginas de *A morte de Ivan Ilitch* (1886).

Hoje, há pouco espaço para o alívio. No passeio virtual, onde distraímos a morte com nossas vidas, eternas e perfeitas, ela é hoje uma intrusa costumeira, a convidada surpresa a eventos como o último Dia das Mães, quando tantos filhos comemoraram a data sem as suas; e tantas mães, também, sem os seus filhos. A existência virtual dos nossos entes nos transformou em quartos repletos de móveis e roupas deles, esperando seus retornos, alimentando ainda a crença secreta de que, em algum lugar deste espaço, seus fantasmas ainda o habitam. ✖

Tiago Germano é escritor, autor do romance *"A Mulher Faminta"* (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas *"Demônios Domésticos"* (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa (PB).

'Quando a gente ainda revelava fotos'

Rodrigo Falcão

Especial para o Correio das Artes

Ao ouvir a canção 'Quando a gente ainda revelava fotos', veio na minha cabeça o mesmo tema do filme *Aquarius* (Kleber Mendonça Filho, 2016) e toda sua representatividade proposta. Quando se trata da questão de melancolia, saudosismo e memórias, percebemos a tradução perfeita dos dias atuais, isto é, o nosso país não valoriza as memórias e a personagem Clara, vivida por Sônia Braga consegue passar essa subjetividade ao conservar todos os momentos de vida, seja no lugar onde mora, nos seus álbuns de retratos e em sua coleção de vinhos. É neste instante que surge o confronto entre o novo e o velho. Clara precisava sair do prédio onde morava e ao mesmo tempo, não queria se desprender de suas memórias, apesar de oferecer resistência pelo fato dos outros moradores do prédio *Aquarius* já terem se desfeito de suas respectivas propriedades. Ela seria a única moradora.

Já na letra de Júnior Cordeiro, ele fala que existe um sentido dúbio e polissêmico na estrofe: "Na câmara escura, só o essencial / Ganhar a vida em nossas bagagens / E o envelhecimento inerente do papel / Caminhando com a gente pra dentro das nuvens". Para ele, existe o sentido de que, "com a diluição do mundo da fotografia física, nós caminhamos eternamente e de forma triste para as nuvens dos arquivos digitais". Complementando ainda, Cordeiro explana que "as fotos físicas nos levam para o universo das nuvens, dos sonhos". O trocadilho da letra é de maneira proposital com a palavra nuvem quando se refere ao ato de resistir, sonhar. É aí que a letra de Júnior Cordeiro se assemelha ao filme 'Aquarius'. Em sumo, resistir é uma maneira de conservar nossa identidade, nossas memórias e nossa vida assim como a fotografia traduz em um sentimento de atemporalidade.

FOTOS: PABLO OKUBI/DIVULGAÇÃO



*Júnior Cordeiro
é cantor e
compositor
paraibano*

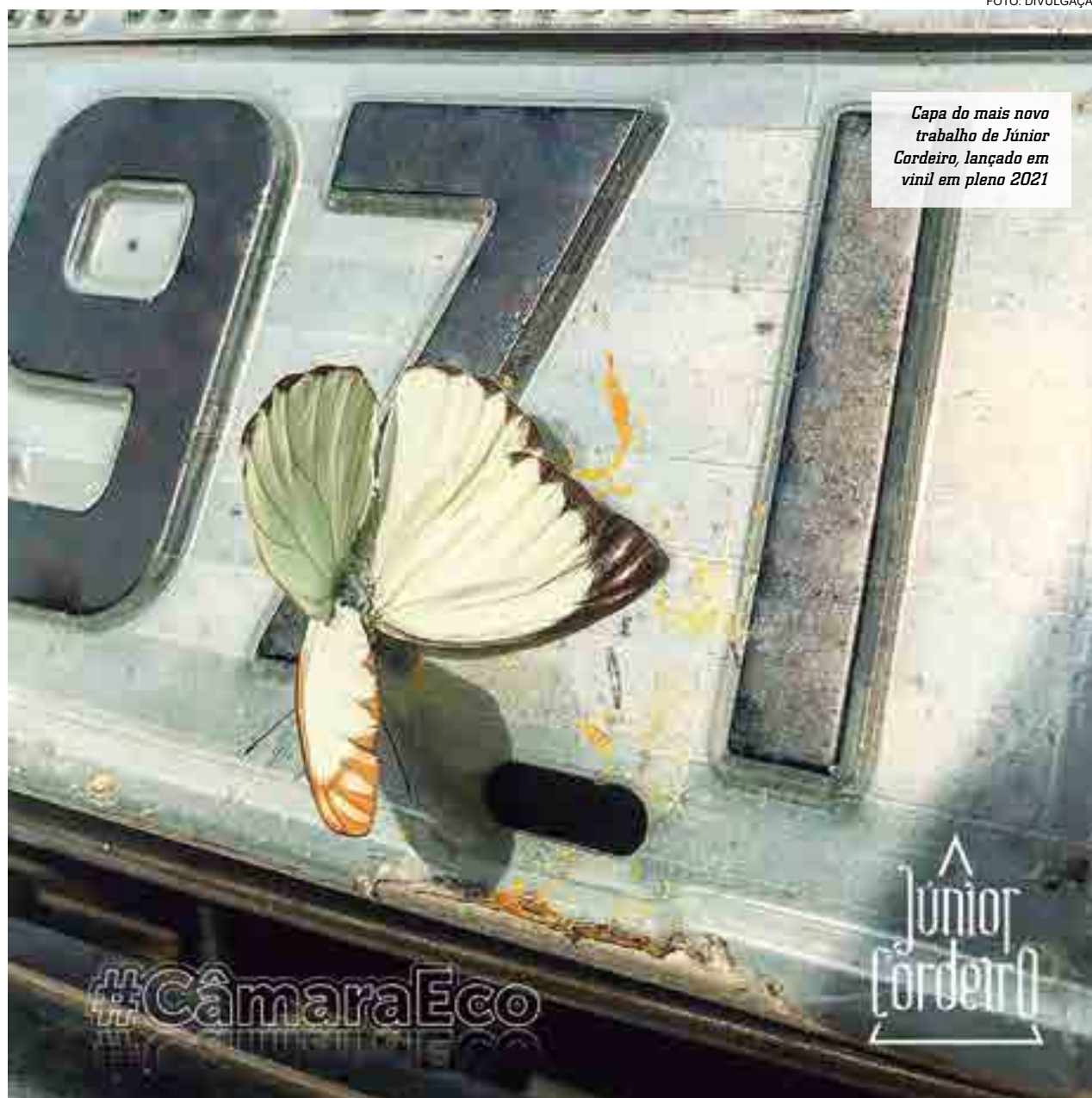
Quando a gente ainda revelava fotos

Júnior Cordeiro

Quando a luz de um corpo revelava o som
Do que estava oculto no útero da imagem
Os olhos do tempo viam mais que a multidão
E o gosto do mundo dentro das paisagens

Na câmara escura, só o essencial na película
Ganhar a vida em nossas bagagens
E o envelhecimento inerente do papel
Caminhando com a gente pra dentro das nuvens

Quando as almas...
Quando os rostos...
Quando as tintas e os tatos...
Quando as vidas...
Quando os gostos...
Quando a gente ainda revelava fotos... ▶



► COMPREENSÃO:

O eu lírico retrata a luminosidade física apresentando a sonância de algo que estava escondido no desenvolvimento da imagem. Na sequência, percebe-se a atemporalidade apresentada e metaforizada numa visão que vai além da “multidão”, e o sabor do universo incorporado em horizontes. Exemplo: Quando a luz do sol revelava o som / Do que estava oculto no útero da imagem / Os olhos do tempo viam mais que a multidão / E o gosto do mundo dentro das paisagens”.

Na segunda estrofe, o eu lírico retrata que na película da câmara só o básico seria importante nas viagens, à medida que

o papel da fotografia vai envelhecendo de forma intrínseca, as imagens vão se dissipando metaforizando em “nuvens” como sonhos, ou melhor, como o saudosismo das recordações guardadas eternamente. Em outro entendimento, a fotografia vai além da vida e da morte e resiste ao tempo, reforçando a ideia de atemporalidade. Exemplo: “Na câmara escura, só o essencial / Ganharia vida em nossas bagagens / E o envelhecimento inerente do papel / Caminhando com a gente pra dentro das nuvens”.

No final, o eu lírico repete o advérbio de tempo “quando”, reverenciando e reforçando a ideia de nostalgia apresentada

ao longo de um período desfrutado que não volta mais, isto é, a fotografia revelada tem o poder de materializar memórias e proporciona a volta ao tempo de bons momentos. Cada verso exemplifica momentos e sensações que as pessoas vivem nas fotografias. Exemplo: “Quando as almas... / Quando os rostos... / Quando as tintas e os tatos... / Quando as vidas... / Quando os gostos... / Quando a gente ainda revelava fotos...”.

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018)



Marido caçador



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Um homem, descalço, foi caçar e errou na floresta. Não era acostumado com cipós, com folhas estalando sob os pés, com buracos onde tatus queimavam os cascos. Não sabia de que cor era o derramar de uma cachoeira. Assustava-se feito a rã que se vê no olho da cobra. Dissera para a mulher que ia caçar para “ilustrar a mente”. Mas errou na floresta e nunca mais calçou sapatos.

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura
e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João
Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO, O ÚNICO EM SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



© SESC

CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta:
Segunda a sexta | 07h às 19h
(83) 3241-3494 / (83) 99996-0092